

AUTORES & LIVROS

Ano 10
13/2/1944

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI
Nº. 6

Notícia sobre Eduardo Prado

Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu em São Paulo, capital do vizinho Estado, em 27 de novembro de 1880. Era filho de Martinho da Silva Prado e de Valeriana Valeria da Costa Prado.

Em 1891, formou-se em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de São Paulo.

Cursava ainda a Faculdade, quando começou a aparecer como jornalista. Em 1890, seu tio, Caio Prado dirigia o "Correio Paulistano". Eduardo começou a publicar ali as suas "Crônicas da Assembleia", que chamaram sobre o seu nome a atenção dos leitores.

Fora, lequeto de alma e de humor, passando como quinhentos central no espírito a esquisidada (como tão bem o vio Eco de Queluz), mas tarde Eduardo Prado tinha um grande sonho desde a primeira ocasião: o de viajar, viajando incessantemente, para conhecer todo o planeta. Obteve a ciência de bacharel, tratou de realizar esse sonho. Viajou então, pelas cinco partes do mundo. Mas não viajou com um simples e despreocupado turista: viajou como um homem que estuda e que, mesmo ao se divertir, não cessa de estudar. Em quanto da de uma terra à outra terra, escrevia para a "Gazeta das Notícias" essa cidade as suas impressões de viagem, narrando o que via nos museus que percorria, contando o que encontrava nas bibliotecas, dando uma ideia e um julgamento sobre os principais indivíduos com os quais estava em contacto. Assim nasceu o primeiro volume de suas "Viagens", publicado em 1899.

Dois viagens incessantes tinham, porém, uma sugestiva e encantadora posse: tinham-no em Paris, a princípio na rua Casimir Perrier, depois na rua Rivel. Nessa duas residências, cercado de seus livros raros, de seus objetos de arte, das qual rotava que o temperamento caprichoso de um sábio acolhia.

As viagens incessantes tinham, porém, uma sugestiva e encantadora posse: tinham-no em Paris, a princípio na rua Casimir Perrier, depois na rua Rivel. Nessa duas residências, cercado de seus livros raros, de seus objetos de arte, das qual rotava que o temperamento caprichoso de um sábio acolhia.

Eduardo Prado, com uma genialidade de "gentleman", os seus amigos, e entre estes contava-se um Eco de Queluz, um Ramalho Ortigão, um Oliveira Martins, um Afonso Arinos, um Olavo Bilac, um Rio Branco.

Afonso Arinos, contudo, nos diz que o verdadeiro lar de Eduardo Prado não foi a casa da rua Casimir Perrier, nem a da rua Rivel: foi, sim, a fazenda do Brejão.

O Brejão está situado no oeste paulista, entre o Mucugê e o Rio Pardo, a 650 metros acima do nível do mar e a 350 do litoral, (não indicadas fornecidas pelo próprio Afonso Arinos.) Ali Eduardo Prado reuniu uma biblioteca preciosíssima, e assuntos de sociologia e história brasileira. Ali estuda, escreve, aproveitando, as noites, as madrugadas e as dias, como se tivesse a previsão de um fim muito próximo. Foi ali que o visitou o seu afilhado Navarro de Andrade, o qual nos contou, depois, a impressão extravagante, quasi humorística, que lhe deixou a idéia de vida que queria que o padrinho adotava na fazenda ("V. Revista da Academia Paulista de Letras", n. 6 — 12 de Junho de 1939).

Com a Proclamação da República, e quando corria em todo o Brasil uma onda tão avassalante de adesismo ao novo regime, Eduardo Prado teve mais uma de suas originalidades: ficou fiel ao regime monárquico.

Pôs-se então a publicar, na "Revista de Portugal", uma das primeiras crônicas do fenômeno político que evoluía no Brasil, e suas críticas a atitudes e a pontos de vista dos novos dirigentes — a Doodoro, a Rui Barbosa, a Benjamin Constant etc., — se eram sempre rivas de sarcasmo e de ironia, nem sempre eram o spovidão de veracidade. Eduardo reuniu mais tarde esses trabalhos — que publicava assumidos com o pseudônimo de Frederico de S. Reuniu-os no volume intitulado — "Festas do Ditadura Militar no Brasil". Tais crônicas, na ocasião em que apareceram, em "Revista de Portugal",

obtiveram o maior êxito em todo o Brasil, e em quase todas as capitais de Estados foram transcritas nas folhas locais.

Não contente em combater a República de longe, Eduardo Prado veio para o Brasil, fez-se jornalista militante no "Comércio de São Paulo", órgão de que foi diretor.

Simultaneamente com os trabalhos jornalísticos, continuava a realizar os seus longos e preciosos estudos de história. Em 93 edita em São Paulo o seu tremendo libelo contra os Estados Unidos — "A Ilusão Americana". O governo da República confisa essa primeira edição. Do famoso livro existem, que sabemos, quatro edições, sendo a última de 1917. Em 96, toma parte nas comemorações anchietaanas, fazendo uma belíssima conferência sobre o tema — "O Catolicismo". A "Companhia de Jesus" e a "Colonização do Brasil".

Leva muito longe também os estudos e as meditações acerca do padre Vieira, do padre Manuel de Moraes, e em geral dos mais destacadados sacerdotes dos períodos iniciais do nosso país. Inicia — e dizem os seus amigos que termina — um romance de ambiente paulista — "Terra Roxa" — que nunca foi publicado.

Em 1896, com a criação da Academia Brasileira de Letras, é um dos organizadores da caixa. Cria a cadeira n.º 40, que tem como patrono o Visconde de Rio Branco. figura que ele tanto admirava nos quadros da evolução histórica do Brasil, por parte do seu grande amigo, o Barão de Rio Branco.

Em 1901, fez uma de suas rápidas e costumadas viagens ao Rio Machado de Assis o viu naquela ocasião, "quando ele era todo vida e saúde". Ju levava, porém, consigo o germe do mal que lhe mataria. Regressou a São Paulo e seu falecimento ocorreu dia a dia, causado, no que se diz, pela febre amarela.

O escritor faleceu na mesma cidade em que nasceu, e seu óbito ocorreu em 30 de agosto de 1901.



EDUARDO PRADO

SUMÁRIO

- PAGINA 85:**
- O povo brasileiro de Eduardo Prado.
 - Notícia sobre Eduardo Prado.
 - Bibliografia de Eduardo Prado.
- PAGINAS 86, 84 e 85:**
- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — VIII — Lucio Cardoso.
 - Nota biográfica (com fotografia).
 - Algumas fontes sobre Lucio Cardoso.
 - Biografia de Lucio Cardoso — Finais das perdas.
 - Baudelaire.
 - Um capítulo de novela imediata.
- PAGINA 86:**
- A morte de Eduardo Prado, de Machado de Assis.
 - Como uma visão, de Coelho Neto.
 - Eduardo Prado (Recerto), de Eça de Queirós.
- PAGINA 87:**
- Auto-retrato (fac-símile) de um autógrafo de Lucio Cardoso.
 - Palavras que enganam o tradutor de índias.
- PAGINA 88:**
- Eduardo Prado, de Ronald de Carvalho.
- PAGINA 89:**
- Um grande liberal e um grande patriota. A juventude de Rui Barbosa sobre Eduardo Prado, numérica exata a Conto de Magalhães.
 - Através das séries da Baía e Minas, Eduardo Prado.
- PAGINA 90:**
- A simplicidade de Eduardo Prado, de Pedro Lessa.
 - A História do Brasil, de Eduardo Prado.
 - O nosso Eduardo, de Carlos de Lacerda.
 - Uma página de Olavo Bilac sobre Eduardo Prado. R. gaúcho.
 - Um autógrafo de Eduardo Prado.
- PAGINAS 91 e 92:**
- As três imagens de Eduardo Prado, de Mário Lobo.
 - Eduardo Prado, sempre vivo, de Tristão de Tilayde.
 - Correspondência de escritores. De Eduardo Prado a José Verissimo.
 - Eduardo Prado na opinião de Vicente de Carvalho.
 - Eduardo Prado, na opinião de Joaquim Nabuco.
- PAGINA 93:**
- Dante, Canto V — In Inferno. Tradução, comentários e rima por Eduardo Guimarães.
- PAGINA 100:**
- Como um presente, de Carlos Drummond de Andrade.
 - Glória esquecida, de Artur Casanova.
 - As exposições no Museu Nacional de Belas Artes, de Raul de S. Victor.

Bibliografia de Eduardo Prado

- Viagens. (A Sicília - Malta - O Egito) — 1899.
- Festas da Ditadura Militar no Brasil. — 1.ª série. Artigos publicados na Revista de Portugal... 1890.
- A primeira edição dessa obra foi também apreendida.
- A Ilusão Americana. — 2.ª edição. 1895. — 3.ª edição. 1902. — 4.ª edição. 1917.
- A primeira edição desse livro foi também apreendida.
- Análise das liberdades políticas. (Comentário ao parágrafo 4.º do Art. 90.º da Constituição Federal — 1897.
- L'Art e L'Immigration au Brésil, memórias publicadas no livro de Santa Ana Neyry — Le Brésil en 1899. Foram incluídas no primeiro volume das *Culcaetadas*. (1904).
- O Catolicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Brasil. Conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo em 20 de Agosto de 1896.
- Esse trabalho figura no notável volume — III - *Centenário do Venerável Joseph de Anchieta*. Alliand e Cie. 1900. — Ali encontramos também conferências sobre o grande padre feitas pelos
- seguintes estudiosos: Rodrigues Alves, Brazilio Machado, Fernando Sampayo, P. América de Novais, João Monteiro, Couto de Magalhães, Cônego Matos, Vicente da Silva e Joaquim Nabuco.
- A conferência de Eduardo Prado ocupa da página 21 à página 37.
- Viagens (América, Oceania e Ásia). 1.ª edição 1902 (coleção póstuma) 431 páginas — Escola Tipográfica Salesiana. São Paulo.
- Coletanças, 4 volumes (1904 a 1908) — Coleções póstumas. — Escola Tipográfica Salesiana. São Paulo.

SÃO PAULO E OS

Para a conquista espiritual do Novo Mundo, a Igreja Católica devia forçosamente empregar seus soldados mais jovens, isto é, os mais fortes e os mais arreiros. Nesse tempo eram os jesuítas.

Não é possível pôr, ainda que rapidamente, o quadro, da evangelização do Novo Mundo. Direi apenas que a obra da Igreja foi uma obra de civilização e de humanidade e que os seus principais operários foram os jesuítas. A história nos ensina, e isso é uma coisa que muito deve diminuir o orgulho da nossa superioridade em relação ao selvagem, que uma razão civilizada, em contato com uma raça bárbara e inferior, revela singulares e inesperados instintos da ferocidade. As cenas que na solidão africana tem presenciado, nestes últimos anos tem sido para nós uma lição de história.

Temos visto, perpetradas por alguns de nossos contemporâneos, que jinguvavam mais civilizados que os espanhóis e que os portugueses do século XVI, as maiores atrocidades. Elas tem sido tantas que, neste tempo, em que nos esforçamos por diminuir, com razões científicas, a responsabilidade humana e a culpa dos criminosos, já se tem aventado a hipótese de uma enfermidade mental explicadora de crimes praticados pelos civilizados contra os selvagens e absolutória da perversidade das representantes das chamadas raças superiores contra os indivíduos das raças denominadas inferiores. Seria essa doença um desequilíbrio nervoso causado pela solidão, seria alguma causa de anomalia; — o que é certo, porém, é que sempre se tem falado nesse pretenso estado mórbido, todas as vezes que, no voltar d'Africa alguma expedição, se tem discutido e querido liquidar, na imprensa europeia, a verdade sobre os crimes das expedições africanas dos Stanley, dos Petris e dos Segonzani. E escolhemos esses três nomes para indicar que ingleses, alemaes, e franceses, filhos de três principais potências civilizadas da Europa de hoje, tem sido reus de crimes inuais aqueles que nos horrorizam na história da conquista da América.

A crueldade da Espanha para com os indígenas, como disse um poeta hispano-americano:

Crimen fué del tiempo, no de España.

E esses crimes seriam de certo maiores, se a conquista da América tivesse sido confiada pelo Destino regulador da história a uma potência protestante e não a países católicos do século XVI, como eram a Espanha e Portugal.

Vimos que os protestantes do século de Lutero tinham a convicção de que as boas obras praticadas nesta vida de nada serviam para a felicidade de outra. Oras, sendo assim, como poderiam eles querer varrer pelas matas, socorrer os índios, os enfermos, consolar os velhos, ensinar as crianças, e�ptar a todos pela sua pureza e sua paciência? Como poderiam eles arriscando a própria vida, penetrar nos acampamentos indios para salvar prisioneiros voltados à morte e ao banquete da antropofagia?

Não é humano o esperar de alguém sacrifícios inúteis, ou heróismos sem recompensa.

Os protestantes franceses que, no século XVI, se estabeleceram na baía do Rio de Janeiro, apesar de tanto encarecerem os seus cronistas as boas relações da sua nação com os índios, nada fizeram pela civilização destes. Ao contrário, trouxeram nunca se deu com os portugueses: foi uma boa parte dos protestantes da raça civilizada que se tornou selvagens e talvez, antropófaga, embrenhando-se pelas matas. Embora Villegagnon, o religioso guerreiro da Ordem de Malta, fosse generoso e justo com os índios, os seus sérios protestantes não podiam falar à alma dos índios. O protestantismo, desprovido de todas as expressões afetivas, e emocionantes do culto católico é uma abstração. É uma negação, e o selvagem não comprehende abstrações e tem sede de certezas e de positiva afirmação. E os franceses desprezavam os índios. Villegagnon punia com pena de morte a união dos seus soldados com as indias, e o nome injurioso e cruel de bougre, que eles tiraram da língua francesa e aplicaram aos indígenas e que nós herdamos, diz bem os sentimentos dureza para com os selvagens. Os ministros calvinistas que impunham as mãos sobre as cabeças dos neófitos indígenas para os admitir assim na Igreja de Ginebra não conquistavam almas.

Os atuais exploradores d'Africa, de quem tantos horrores se contam, são mais ou menos adeptos do cientificismo moderno. ora, a ciência não ensina a caridade, a ciência não prega a fraternidade. O que a ciência ensina é a lei da sobrevivência do mais forte e do mais apto, é a eliminação do fraco e, por isso, hoje na África o branco quer apenas sobreviver sacrificando o negro. E' rigorosamente científica esta política. Para a religião, a unidade da raça humana, e, portanto, a fraternidade, é um dogma, e para a ciência, essa unidade é, quando muito, uma hipóteze. Isto explica tudo.

O nosso século tem alguma semelhança com o século XVI visto que, no século XIX também, foi iniciada e levada avante a colonização de vastos territórios do planeta. A lição da história daí é que, nos anos e a de hoje nos ensinam que há três métodos, três maneiras de uma raça superior dominar as terras habitadas por uma raça inferior. Isto é, na realidade de despistar essa raça, artos mais ou menos violentos, para a qual a nossa hipocrisia achou esse suficiente de verbo colonizador.

Há o método que poderíamos chamar instintivo ou, talvez, científico e que consiste na destruição dos primórdios ocupantes do solo. Foi o que fizeram os espanhóis nas Antilhas no primeiro im-

peto de sua cobiça, antes que a Igreja e, sobretudo, os jesuítas se tivessem interpõe entre os fortes e os fracos para a salvación destes. E' de resto o método norteamericano, que tem prevalecido apesar dos protestos e dos esforços das almas generosas. E este o método inglês, no Cabo da Boa Esperança, na Austrália e na Nova Zelândia.

Há o método mercantil, de que nos temos dado os ingleses, e, principalmente, os holandeses os mais numerosos exemplos. Chegam a um país assentando-se de um ou mais pontos, na costa, estabelecendo empórios e negóciam com os indígenas. E negociam tão pouco cristianamente, que um provérbio dista: "O inglês, ao passar no Extremo Oriente, deixava a consciência no Cabo da Boa Esperança para retomá-la na volta". Os holandeses lutaram, depois de martirizadas e mortas no Japão os milhares de cristãos que ali suscituaram a pregação de São Francisco Xavier e de seus irmãos, podiam negociar em certos portos, desde que se prestassem, como faziam, a pagar aos pés um exótilo. Nesse comércio, o europeu engana pelo gold e pela astúcia, desmoraliza pelos seus maus costumes, envenena pelo álcool ou pelo opio, contamina e mata, pelas suas doenças, as populações nativas. Os holandeses aliam-se aos pernambucanos despotas, a quem subjugam, corrompem e fazem instrumentos de uma opressão destinada a extorquir tributos ou, sob diferentes nomes e formas, o forçado trabalho da escravidão. — E há entre nós, brasileiros, quem insiste não terem os holandeses ficado senhores do Brasil! Esta queixa do destino é falsa, porque, como finalmente observou há pouco o sr. Assis Brasil, caso os holandeses tivessem feito desta terra um país bem governado e feliz, não se riímos nós que aqui estariam gozando esses bens, mas sim, os holandeses e seus descendentes. E de mais, tudo quanto os holandeses tem feito, no resto do mundo nos leva a crer que, senhores eis do Brasil, esta terra seria uma vasta feitoria, organizada com método, com ordem, com energia, talvez, mas seria uma colônia em que uns poucos brancos seriam donos de milhões de indios e de negros.

Com a colonização portuguesa e católica, vimos a ser, com todas as nossas fraquezas, com todas as nossas reais ou pretensas desvantagens étnicas, viemos a ser nós mesmos, isto é, uma nação e um povo!

O Brasil como todo a América Latina, é um exemplo de que há um terceiro método de colonizar, que podemos chamar, sem erro, o método católico.

É um fato bem conhecido de todos que estudam a história da colonização que os espanhóis e, talvez, um pouco mais ainda, os portugueses, são os europeus que mais e melhor se aliam às diferentes raças que têm encontrado pela terra, na sua missão de descobridores e povoadores do mundo. E isto é um testemunho de força e de vitalidade incomparável, que se recebela nos climas mais ardentes.

E sabido que os ingleses e holandeses, e de nos em regiões equatoriais, mandam os filhos em tenra idade para a Europa, afim de, reterperiadas nas brisas marinhas e no frio do norte, poderem viver aquelas crianças, que murchariam, e feneriam, como flores na estufa mortal de um clima abrasador.

Como poderia essa raça florescer nas regiões equatoriais e tropicais, hoje ocupadas na América pelo fusão do sangue ibérico com o sangue indio e africano? Deixa, parece que na partilha da herança territorial da humanidade, no Mundo Novo, foi observada uma lei: aos europeus protestantes do Norte coube a América do Setentrional, aos europeus meridionais e católicos coube a América do Sul.

Ufane-se aquela de todas as suas grandezas; temhamos nós o nosso orgulho; o de sermos um povo que deve a sua existência não a trucidacão de uma raça inteira hecatombe que o protestantismo não impediu no Sul, como não soube impedir noutras regiões, mas a fusão de raças opostas, diversas de origem, e que o catolicismo, renovando o seu antigo prodígio da cristianização e das absorções dos bárbaros soube também na América ensinar, civilizar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas raças.

Ac chegarem os primeiros jesuítas vindos para o Brasil, havia meio século da descoverta. Os resultados da colonização até então haviam sido quase nulos. Cultivava-se algum atucar em S. Vicente, parece mesmo que em Pernambuco, com o indio eslavizado; mas o indio, na escravidão, protejava morrendo, e os seus irmãos da floresta atacavam muitas vezes, desastrosamente os portugueses. Não se perceba, por assim dizer, em catequese.

O clero que no Brasil aportava era o mas clero português do século XVI, ainda não reformado e santiificado pelo Concílio de Trento que tantas lágrimas custara ao Santo Arcebispo Bartolomeu dos Mártires, que trabalhou pela sua emenda. Eram, por vezes, individuos isolados das ordens religiosas decadidas. A sua preda era nula, a sua vida, pouco edificante, o seu fim, desastrado. Apenas aparece a figura de um irade desconhecido e heróico, cujo nome a história não conserva e que, embora não soubesse uma palavra da língua indígena, meteu-se pelos matos, pregando em português, dizendo que a palavra de Deus suava o homem embora não entendida.

O martírio foi a recompensa da sua fé.

Os jesuítas foram os primeiros clérigos que aprenderam a língua indígena e nela pregavam. Vieram eles para o Brasil, quando veio o primeiro governador-geral Tomé de Souza, e assim, a mesma ocasião em que a ordem civil se regularizou pela

sua centralização, o Brasil religioso começava, pur assim dizer, a ter uma existência real.

O nosso historiador, o eminent e excentrico critico Varnhagen que tem toda a duração de um santo que era, e uma inexplicável indole deprimida de toda grandeza e de toda beleza, que é, entro o homem que em nossa história menosava de todas as heroicidades da de Anchileta e da de Tiradentes, diz que os jesuítas foram os maiores Orfeus, que souberam humanizar as forças.

Varijau era partidário da extermínio do índio, e no seu singular patrício odiava o ex-bicho traxítre.

E o caboclo é, no entanto, um homem que todos devemos admirar pela sua força e porque, afinal de contas, é ele que é o Brasil, o Brasil real, bem diferente do cosmopolitismo artificial em que vivemos nós os habitantes desta grande cidade. Eu, de quem fez o Brasil.

Foi o filho do português e do índio, o brasil, chamado desprevedivelmente "mucum", que desbravou este grande país, e este continente. Isto é, é devido a que fez a domesticação do índio não tivesse sido feita pelos jesuítas.

O jesuíta mostrou-se merece na arte de colonizar. Instava Nobreza para que da Europa, Virem ao Brasil orfãos, "ainda" dizia ele, na certeza do seu zelo, "ainda que fossem erradas, pois que todas casarão, visto ser a terra muito grossa e larga".

Nóbrega fez com que os seus padres apressem o tupi, língua de que alguns formavam e gramaticas.

A Companhia de Jesus espalhou em Brasil os seus combatentes por todo o Brasil e com isto, favorecendo a unidade provincial da Companhia, da Varnhagen, concorreu muito para favorecer a un Brasil, "estabilizando" mais frequencia de notícias e relações de umas vilas para outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer mais fraternidade entre os habitantes das diferentes Capitanias".

Na sua tarefa de salvar as almas, não destravam das coisas materiais que enfadiam com a liberdade do homem e a prosperidade da terra. Assim Anchileta escreveu a sua célebre reunião de 1560, dando conta do clima, das plantas e dos nomes do Brasil. Há também uma carta dirigida, dezesseis anos depois, ao proprietário de um grande engenho de açucar, em S. Vicente em que Anchileta se ocupa da administração do engenho e da sua direção, informando a Schetz de que se passava na sua propriedade. Nada era indiferente aos jesuítas, porque tudo quanto interessava o homem se relacionava com o problema da sua felicidade e da sua salvação. Este foi sempre o sentimento e a prática dos santos fundadores desta terra!

O maior serviço da Companhia foi, porém, a fundação da cidade de S. Paulo, onde hoje estão reunidos, tembora sob a ameaça de desaparecer na onda estrangeira os descendentes das raças fundadoras, e onde, depois de quase três séculos e meio, há vontade de afirmar, pelo modo mais surpreendente, a nossa existência social, prestando homenagem a um herói da nossa velha história.

Estacionara aqui de passagem Martin Almeida, quando viera de S. Vicente visitar estas colinas batidas por índios amigos. Foi, porém, em 1554, em 1555, que aqui se estabeleceram os jesuítas, tendo como chefe o padre Manuel de Paiva. Vêem ele, e como mestre-escola, o irmão José de Anchileta, e muito orgulho devem ter os nossos professores públicos de um tal colega e tal predecessor.

A razão dizia e a experiência demonstrava que a obra da civilização do índio não se podia fazer em S. Vicente, ou em Santos. O contacto imediato com a gente do mar, forasteiros e aventureiros, era corruptor e fatal; e, por outra parte, a raça europeia não podia mediar, ao começo da sua imigração tropical, na costa, onde o clima, lhe é decisivamente desfavorável. A selimatação definitiva da planta humana europeia não era possível num puro território sem o enxerto na planta indígena, e este enxerto se robustece, frutifica na perfeição, quando a raça imigrante encontra um meio climático não muito diverso daquele da sua origem. Hoje, os plantadores da colonização africana descobriram as vantagens da ocupação de chamado hinterland, isto é, a conveniência do estabelecimento dos colonos europeus nos planaltos do interior, em zonas onde a altitude corrige o ardor do clima, vivificando os primores numas atmosferas frescas e torrificante do organismo.

Os jesuítas compreenderam, há três séculos, isto que só hoje descobrimos.

As colinas de Piratininga eram um admirável campo dessa grande experiência, feita a instâncias e por esforços daqueles incomparáveis colonizadores. E' curioso e natural a admiração com que, no século XVI, XVII e XVIII, falam do clima de São Paulo os escritores do tempo, ecos dos colônias da nova povoação. Havia aqui clima quase igual ao da Europa. Falavam todos na abundância do trigo, das uvas, de que se fazia um vinho ambaroso "bebido antes de ferver" de todos; falavam-nos das peras, das macas, dos péssegos, das rosas e mais flores europeias.

A pequena cera que os jesuítas plantaram em São Paulo, junto à sua igreja, é um lugar célebre na história das plantas no Brasil. Ali se cultivaram pela primeira vez as espécies indígenas novas para os colonos, ao lado das velhas plantas e castas trazidas da Europa, plantas ligadas à história das na-

JESUITAS - EDUARDO PRADO

que é que estas transplantam nas suas migrações com as suas tradições e os seus alvos. Diz-nos Anchieta que havia no seu tempo um povo de bens-senos no clauso e que, na cerca havia rosas, cravos, lirios brancos e romãs. Da perspectiva dessa, vê-se que o despenhadeiro, dominava a vista o horizonte e Anchieta podia ver para o norte estendida aquela terra, dos futuros paulistas; terra, dizia ele, "de grandes campos, fertilíssima, de muitos pastos e rios, de boas porcos e cavalos, etc., e abundância de muitos mantimentos". "Nelas — diz ainda Anchieta, dezesseis anos depois da fundação de S. Paulo — se dia avas e fazem vinho, há mamelucos em grande quantidade e falam-mse muitas línguas-metidas; há melancias e outras árvores de fruto das terras de Portugal".

Hoje que S. Paulo sofre a miséria de ser obrigado a importar do estrangeiro tudo quanto se refere à casa, à alimentação e ao vestuário, causa inveja aquela abundância, e o economista pergunta a si mesmo qual a causa natural ou política da variação em exemplo em que vivemos. Porque não progressa aquela produção, porque apesar de tentá-la e educá-la favorecendo, após pouco de quatrocentos anos, a nossa produtividade das coisas necessárias a vida e quase nenhuma?

Ou fosse a fatalidade histórica que tornou os colonos em heróicos vacabundos errantes pelo território do Brasil, em milícias aventureiras, em centenas de escravos — o fato é que o paulista antigamente abandonava a agricultura, mas da rigueira e da civilização, e hoje o seu descendente exerce-a com previdência, apenas nas condições existentes, industriais e também instáveis, e aviltanadas que bem sabemos. Anchieta bem conhecia a nossa terra e os nossos pais, e bem nos aconselhava no instante quando saímos a Brasil: "Terra deserta e remissa e algo melancólica".

Percebe até que naquele tempo a cultura de cerveja e das frutas era muito maior e mais portuguesa do que é hoje, para o que concorreu talvez a possível mudança do clima. Insistiu o mundo os cristianos no frio intenso que perdurava por longos meses, e nas erdas contínuas, que hoje não observamos.

E provavelmente que a destruição das matas e a dessecção das várzeas realmente modificou a temperatura. Seja isso verdade, ou não, o fato é que, segundo o Crispiniano, lata é, a paz, um grande número de famílias de índios, aqui ficou logo formado o centro donde deviam irradiar a desobediência e a revolta contra o Brasil. Ressalta S. Paulo os ataques dos tempos iniciais e, dessa data em diante, ficou seguro o seu futuro e começou a fundar como uma oficina de homens. Homens mesticados, não de um tipo inferior, porque não é inferior, como tem verificado todos os americanistas, o tipo resultante do branco e do índio. Nesse cruzamento, se o branco entra com um certo grau de envolvimento, que se reproduz no seu descendente o inião traz para o novo tipo a agudeza da sensibilidade dos seus sentidos e a agilidade elástica dos seus músculos, senões e músculos um tanto atrofiados no homem civilizado.

Não tivessem os jesuítas tornado os índios ardentíssimos e mansos e essa cruzamento, a que devemos pode dizer-se a quase totalidade da população brasileira, não se teria dado.

Os portugueses, ou teriam destruído todos os índios, ou estes teriam destruído todos os primeiros estabelecimentos portugueses, retorcendo por um ou dois séculos quem sabe? o povoamento e a civilização do Brasil. Graças aos jesuítas escapou a humanidade, no Brasil, a esses desastres.

Olívio Martins com a superioridade de percepção que lhe é própria, incitando os portugueses a estabelecerem colônias nas planícies africanas do Alto Zambeze e do Shire, elevava-lhes sempre o exemplo de S. Paulo, e, em parte, atribuía o relativo sucesso português na África aos estabelecimentos formados no clima desfavorável da costa. De S. Paulo dizia, rode salt a raça que fez o Brasil; tivemos nos tido outros S. Paulo, e criaramos em Afonso outro Brasil.

Realmente o Brasil foi feito pelos paulistas. Sem elas, a linhagem portuguesa seria falada apenas numa extensa faixa de território paralelo ao Atlântico. O célebre meridiano com que Alexandre VI dividiu o mundo no século XV, tão arbitrariamente como a conferência de Barreto, em 1381, dividiu a África, passaria pouco a leste do centro do Brasil atual. Não fossem as invasões dos paulistas feitas, hora a件事地 descendo os nossos rios da bacia platina que lhes serviam de caminhos, rios que iam a singularidade de, nascendo certo do mar, correrem para o interior das terras, o domínio espanhol seria quase total na América do Sul.

Prevalece essa linha divisoria e toda a Amazônia, todo o Mato Grosso, todo o Rio Grande e grande parte de Goiás, S. Paulo, Parana, Santa Catarina pertencem à Espanha. Foi o paulista quem na América do Sul, alargou os domínios de Portugal, demarcando e batizando o Brasil do lado

o mameluco paulista, quando deixava o caminho das rios, antes de invadir as terras de Espanha, atravessava a Bósnia franca dos pinheiros do Paraná, que lhe davam o sustento e, antes de suas longas excursões, deixava plantada alguma roça do milho indio, que era, na volta, a sua alimentação armazenada no deserto.

E essas excursões até onde foram? Essas odisséias, cujo fim era cultivar indios e buscar ouro, fu-

ram desde o Amazonas até ao Prata (como se diz nos discursos) e desde o mar até aos Andes.

Nesta vida tiveram essas lutas com os prebitas. Foram lutas para enjós excessivos a história tem com razão decreta mercedezas amargas. Como exigir que homens em cujas veias corria ainda quente o sangue da antropofagia dos avós ou de seus pais considerassem a escravidão um crime? E se os jesuítas, opostos à escravidão dos índios, queriam no seu reino governar-los demais, segundo se quebravam os mamelecos, os jesuítas pugnavam pela humanidade. Como diz Montesquieu, falando dos jesuítas: "Será sempre belo querer governar os homens para os tornar felizes".

A obra dos jesuítas tem a admiração de todos os historiadores. 80 milhões e milhões de seres que vivem como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planícies, revelados ao mundo por esses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram sacerdotes, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sobre as novas terras formam por si só bibliotecas, que a posteridade relê sempre aprendendo.

Sai falar no México e no Peru, cujas populações, em parte foram salvas da morte por eles e por outras ordens religiosas, pode dizer-se que as três grandes maravilhas dos jesuítas na América, foram o Brasil, o Canadá e o Paraguai. Do Brasil, primeiro teatro dos seus trabalhos. Foram os primeiros jesuítas que subiram o Prata e foram civilizar o Paraguai; esses jesuítas, espanhóis, italianos, irlandeses e portugueses, haviam já praticado no Brasil, na escola de Nobreza e de Anchieta, e para o Paraguai levaram seu sublime espírito. Foram mandados por Anchieta, em 1587, quando exercia o cargo de Provincial. Foi o Apóstolo do Brasil, de certo modo o fundador das cristandades jesuíticas do Paraguai. Essas celebres reduções, objetos de tão sanguinários lutas, onde tantos crimes perpetraram os paulistas e onde tanta coisa extraordinária foi feita, constituem um dos mais curiosos pontos da história da América. Reimava, até poucos anos, multa rotulação nas datas e pode dizer-se que, antes do Barro do Rio Branco que é hoje o homem que mais conhece a história do Brasil, eram confundidos os nomes, os lugares e as datas da fundação e da destruição dessas antigas reduções, cuja história se relaciona com a do Brasil e especialmente com a história de São Paulo. Hoje, graças ao sr. Barro do Rio Branco, que aplicou ao assunto aquela sua grande erudição histórica e geográfica que ao Brasil já valorem e não de valor triunfos diplomáticos, há entendimento e clareza no assunto.

Mais interessante, porém, do que as datas são os fatos, e quando os paulistas armados de "escopetas" e vestidos de "corações de couro" à moda de dramatizadas, protegendo-as das setas, e no som de caixa e de bandeira desfraldada", conforme nos conta o padre Montoya, assumitavam as reduções indígenas, acharam a sua testa os jesuítas.

Poucas páginas mais conmovedores e tragicas tem a história do que a dos padres jesuítas que, tendo aprisionados e cativos os seus filhos espirituais, acompanharam-nos a pé, desde o Paraná ate São Paulo, consolidando-os com a celeste esperança.

As caçadas humanas de paulistas duraram até a data em que os jesuítas comleva real armaram os seus povos. Os nossos mamelecos foram recusados, encerrando-se a história de suas correrias e as reduções do Paraguai tiveram paz mais de um século, sob esse governo jesuítico, que desde Montesquieu até Augusto Comte tem recebido a admiração de todos os gênios e insultos de todos os ignorantes.

No século passado, Pombal, que tinha a singular mania de regular sua política pelo que dela desse sessão os estrangeiros, intundiu a Europa de livros e folhetos, em todas as línguas, contra os jesuítas e, especialmente, os do Paraguai.

Preparava Pombal o golpe da expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses até que foi para o império ultramarino português, ou Alcácer-Kebir, cimo o do século XVI para o reino justitano. Com a expulsão dos jesuítas, no século passado, a civilização recuo centenas de léguas dos centros do continente africano e do Brasil. As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os índios voltaram a vida selvagem; as aldeias do Amazonas desapareceram-se e, até hoje, reinam a solidão e o deserto onde havia já a sociabilidade humana. Em nossos dias, a bandeira da Inglaterra, Alemanha, da Bélgica, ou da França tremulam em África sobre as ruínas de civilizações religiosas, num solo que seria português se não tivessem sido largadas ao abandono e voracidade eu-europeu, aquelas terras onde, pelos missionários, dominava Portugal.

A história é, porém, justiça. As imperfeições que mostram, as faltas que cometem por vezes, a Companhia, desapareceram diante da grandeza dos seus serviços. Hoje, ninguém com mediana ilustração histórica e bibliográfica fala mais na Monja sacra, obra da calúnia e perversa falsificação conhecida e desmentida.

Precisamente este ano em que nós brasileiros e os paulistas nos preparamos para honrar, na pessoa de José de Anchieta, um herói jesuíta, e elevar-lhe uma estátua, foi solenemente inaugurada no Capitólio de Washington, ao lado dos grandes homens daquele país, a estátua de outro jesuíta, o padre Moreira, o apóstolo dos Huracos, que, desbravador do Mississippi, justa glorificando, que neste continente cuja liberdade não foi proclamada,

FREDERICO DE S.

FASTOS

DA

DICTADURA MILITAR

NO

BRAZIL

1. SERIE

—
2. EDICAO

ARTIGOS PUBLICADOS

REVISTA DE PORTUGAL

DEZEMBRO DE 1889 A JUNHO DE 1890

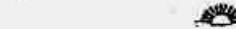
1830

Página de título das "Fastos da Ditadura Militar no Brasil", 1.º edição. Este livro foi redigido pelo autor que, com o pseudônimo de Frederico de S. Eduardo Prado publicou em 1889, na "Revista de Portugal", os jesuítas recebem depois de todos os doces, e de todas as perseguições do século XVIII! Mercede e extrairão reparação!

Nos brasileiros, temos, por este motivo da glorificação de Anchieta, uma rara ocasião de estar todos festivamente alegres, porque a glorificação da nossa história e os feitos dos nossos maiores; os irmãos podem dissentir entre si, mas todos tem o sentimento comum da veneração pelos pais.

E este sentimento revela-se entre os povos pelo amor à língua nacional, aos costumes, às tradições, por toda essa riqueza que é patrimônio de uma nação. Para nos, paulistas, há o dever de uma grande gratidão para com a memória imortal de Anchieta e dos rudes mamelecos.

Nas vastas solidões do Brasil, nas baixadas dos campos ressecados, oculta entre o verde ponteado de curu da laranjeira, a beira do pequeno canavial, a caxia isolada do cacoelo margeada do rigo d'água, no silêncio dormiente e abraçado do sol, que quebram a espuma a paneada surda e o lento giro do monjolo Ali vive ele na pobreza tirando o alimento de uma terra que nem sempre é da fertilidade que os nossos economistas, poetas e oradores agridem. Viva ali simples, rústico e encantado a sua calma e o grande do misticismo e da fé, que hoje tem todo tem família e tem Deus, porque os jesuítas civilizaram os seus avos.



ENCONTRO COM EDUARDO PRADO

Conheci-o alguns dias antes da sua morte, por ocasião de ser ele recebido no Instituto Histórico.

Ao ser lhe apresentado, senti uma impressão que na sa se partia com a desfida e os descontos que evidentemente nos indignam nomes tais, quando nos pronunciamos das respectivas pessoas. O homem que em admirava de longe, e em tudo nos dava o seu respeito e brilhante espírito, não decretava visto de perto. Antes, deixa direto sinceramente — a presença daquela sobre figura humana como que completa, no seu conceito, o que a administração havia começado, o espiritual afirmou-se francamente como um tipo legítimo de representatividade, desse que haviam, não somente uma geração, mas todo um povo, raça e gera de espírito e na história.

Foi um forte
Rio, 1901.

ROCHI POMBO



Eduardo Prado, aos cinco anos de idade.

EDUARDO PRADO RONALD DE CARVALHO

Com muitas virtudes excepcionais de cultura e observação, a que se vinha juntar um dom de polemista em nada comum. Eduardo Prado realizou, com o seu ar de encantado das coisas e dos homens, uma obra de jornalista reacionário das mais notáveis. Monarquista, não por mera atitude como querem alguns, mas porque via no regime deposto o único meio de regular as nossas incapacidades políticas, decorrentes da instabilidade não só das camadas élite, mas ainda do ambiente social. O Brasil, o autor da *Brasil Americana* foi um dos publicistas que melhor compreenderam essa situação de pequenas tiranias organizadas a que ficou reduzido o nosso país, depois que a República o dividiu em vários Estados interdependentes. Sabendo, pela experiência ganha no contacto demorado com os povos mais velhos do ocidente, que a sorte de uma nação territorialmente grande, e com um índice de população modesto, estava na razão direta de um governo centralizado e de um poder unico, onde se refletisse e concentrasse toda a sua energia produtora, Eduardo Prado foi dos primeiros que estabeleceram uma reação capaz contra o sistema aqui inaugurado em 1889. A utilidade imediata da sua proposta a isolada, quando ainda não desbotava, a tinta vermelha do barrete frigo, ninguém pode avaliar convenientemente. O Governo Provisório, aproveitando-se naturalmente da liberdade, recentemente conquistada ao absolutismo de Pedro II, e mais da igualdade e fraternidade, tão suspiradas e ambicionadas, ameaçou e perseguiu o escritor afeiçoado que com tanta levianidade abusava da sua competência democrática...

O que o Governo Provisório, entretanto, não conseguira apagar foi o prestígio do seu nome e a sinceridade do seu espírito, profundamente impressionado pela marcha sinuosa da nossa política e pela dureza dos seus processos tão ridiculos quanto perigosos... Não Ihe foi a política um "tema literário", como escreveu José Veríssimo, mas a base mesma do seu caráter de doutrinário. Basta considerar-lhe o combate, naturalmente exagerado níero do seu temperamento impetuoso, ao expansionismo yankee, combate que tem sido contagiado por fecundos publicistas latino-americanos, como Rodo e Inglêiros; para ver que ele não estava fazendo apenas um jogo de paradoxos brilhante mas, instintivamente, concordaria para enriquecer com os argumentos seguros uma corrente de idéias assente já em sua literatura. Eduardo Prado é, em suma um ensaísta atilado e seguro, e um escritor perfeito, que, com pouco mais, teria sido verdadeiramente grande.

UM GRANDE LIBERAL E UM GRANDE PATRIOTA A OPINIÃO DE RUI BARBOSA SOBRE EDUARDO PRADO NUMA CARTA A COUTO DE MAGALHÃES

Rio, 26 de setembro de 1891.
Exmo. Amº dr. Couto de Magalhães.

Não me tenha em mal vir tarde. Há cinquenta e três dias que vivo junto de um doce, cuja vida me é mais caro que a minha. Aguardava constantemente os de folga e sereindade, cujo começo a esperança me apontava cada tarde na manhã seguinte, reservando-me para então obedecer a sua carta de 5 deste mês, onde reclama a minha presença na edição especial consagrada pelo "O Comércio" de São Paulo à memória de Eduardo Prado. Mas, afinal, antes que me cessasse as funções de enfermeiro, adocicou-me levantando sono agudo, apenas em tempo de acudir entre os derradeiros companheiros, e escassamente com forças para lhe agradecer a homilia, que me azou, de inserir o meu nome na piedosa teoria das almas, que passam hoje por este tumulto carregadas das oblações da saudade.

Não faltara, no momento, quem lhe colhe o diâmetro, a luz e a formosura, de princípios ordem na esfera das massas grandezas estelares. Há um mês que todo o Brasil intelectual é um círculo de admiração em torno do seu nome. A tradição da língua, a arte do estilo, a dignidade da eloquência, a glória do jornalismo e o culto da história hão-de procurá-lo entre os seus modelos e os seus tesouros. Eu, no lugar deixado as escolas do coração pelas opulências desse triunfo, entre os comemoradores desse espírito me contentarei de passar como uma das testemunhas da sua bondade, rogando a Deus me converte em bênçãos no seu seio as horas de conforto, que ele, nesta casa, me deu, quando, ao despedir-se desta terra, antes de se partir para a morte, vindo trazer-me palavras de coragem, nas suas diárias de transa, passou comigo uma das suas últimas tardes no Rio de Janeiro, em tão íntima troca de idéias e sentimentos.

Assim se fechou, as vésperas



Eduardo Prado, aos três anos de idade.

da viagem eterna, a amizade, com que, há cerca de sete anos, me distinguiu tão benévola, tão generosamente. Documentos de lá guardo as suas cartas entre os meus papéis mais preciosos, entre os que mais captivaram, talvez, algum dia, o interesse de meus filhos. E, se me fosse licito mutillá-las, apagar delas o meu nome, cercar-lhe-a a parte afetuosa e íntima, a da amizade, prodiga de suas riquezas com a diligência alheia -- de quantas daquelas páginas se não veria fulgurar o gênio da liberdade projetado na imagem da

UM ESCRITOR JOSE VERÍSSIMO

Não obstante ter boas relações com Eduardo Prado e comprovado de suas pruebas de excelente camaradagem literária, que me não preconiza, não o conheci bastante para falar do homem. Mas conheço bem quase tudo, o que ele escreveu, a parte da sua obra de jornalista.

Possso, pois, dizer com íntima convicção, e não menos profundo pesar de falar no passado, que ele foi um escritor, na sua natureza e justa acepção dessa palavra. Ando sia barateada sua escrivedora de toda a sorte, por pouco que tenham alguma orografia simétrica -- e ainda a si que nem isso tem.

Não é na corriqueira asepsizada que a emprego falando de Eduardo Prado. Quero com ela significar o homem que, tendo realmente alguma coisa que dizer, diena de ser dito e ouvida, pouco que tenham alguma orografia simétrica -- e ainda a si que nem isso tem.

Não é na corriqueira asepsizada que a emprego falando de Eduardo Prado. Quero com ela significar o homem que, tendo realmente alguma coisa que dizer, diena de ser dito e ouvida,

sua dizeria, o que supõe saber capacidade de idéias gerais, ciência da língua, dotes de artista da

palavra escrita, o sentimento das mudanças das idéias e das implicações.

Tudo isto, com outras qualidades relevantes ao escritor: como a ironia, a finura, a graça, facilidade, a clareza, poseusa em suas nuances comum em a nossa literatura, e no nosso jornalismo. Eduardo Prado. E se se não lhe pode chamar verdadeiramente um grande escritor, e porque não lhe permitiram talvez o seu gênio um pouco dispersivo, a fragmenta-



Eduardo Prado, aos 22 anos de idade.

cão e pouca variedade da sua obra, e, sobretudo, a sua morte prematura.

Ele chegava justamente à maturidade, à idade das grandes obras, quando não deixou com a amargura de ver desaparecer com ele um dos raros a quem a mais difícil e rigorosa critica não podia deixar de ter como um escritor de excepcional valor.

Que fortes e belas coisas nos poderia ter sido dado se vivesse e trabalhasse, nos rumos dos nossos tão abandonados e tão mal feitos estudos históricos! Ele, porém, tinha talento, capacidade, virtuosidade, para lavrar campos diversos, tirando de todos magníficas searas. E' esta confiança, inquietamente gorada, que, fora das afecções pessoais e faz dolorosamente sensíveis e profundamente lamentáveis mortes como a de Eduardo Prado. Não duvido dizer que nele perdeu a intelectualidade brasileira um dos seus mais singulares representantes, e a literatura brasileira, um raro escritor.

Rio, 15 de setembro.

um grande liberal, o amor da pátria exaltado na inspiração de um grande patriota?

Mas... sunt lacrymot. A minha fé ainda não é das que incluem energia, para nos consolarmos de tais perdas. Esta glorificação, porém, está pedindo um horizonte azul, o ambiente de uma alvorada, palmas verdes, idéias acribilladas pela esperança e os santos entusiasmos do futuro. Sejam elas as que acompanham este nosso imortal na entrada à eternidade.

Seu amº obrº

Ruy Barbosa.

ATRAVES DOS SERTÕES DA BAIA E MINAS

EDUARDO PRADO

Nos sertões de Minas Gerais e da Baia, na região em que se juntam os territórios das duas antigas províncias, nos meses da seca, que ali vai de abril a novembro, a paisagem é uma verdadeira surpresa para o europeu acostumado à idéia convencional da natureza entre os trópicos.

A sombria e verde alombra das florestas misteriosas, enredadas de names enlachados, esmolhada das cores de organicas fantásticas, as inclinadas paixões por onde creparam manchos, o fundo ora escuro, ora violentamente enunciado em clarores, onde hacentes parecem bolar, no sol não brilho e lento, as grandes borboletas danis... toda essa paisagem tropical que os viajantes ploram e que a congojia vulgariza, tudo isso é desconhecido naqueles centros do planalto brasileiro que ficam a direita do Rio São Francisco. Os trópicos nem sempre são tropicais!

O viajante corta pela estrada dura e pedregosa, que em longíssimas curvas, ou em retas infinitas, abreva os imóveis intermináveis, em que a vegetação escura, mato seca, espinhos, se enreda numa massa compacta, ou rascada, que alcanga os foelhos e os petos das mulas. Os pequenos estribos, os mimosa e as acacias rasteiras, que parecem às vezes pinheiros de Liliput, à beira da estrada, são encontro de penugens brancas, que lembram a neve e a grada. E' o alento arreando em ruas ás cargas pesadas de algodão em rama que por ali transportam em tropas as mulas tangidas em luto, pelos tropeiros e predeadas da mula madrinha, que, alegreza de vermelho e tintinhante de guinchos e sinetas de caçadeira, atraem lentamente, marcando o compasso a marcha do encantado. Por centenas de léguas pode o viajante no sertão achar o caminho das tropas que traficam entre Baia e Minas, como os gados do milho do conto do pequeno potejar, os noitinhos de algodão presos às plantas do campo e dos serrados, podem indicar o rumo do caminhante.

Os primeiros moradores daquelas regiões chamavam-na os "Campos Gerais". O povo hoje abreua, e a designação "Gerais" serve para toda a vasta extensão do estéril e ressecado território. De tempos a tempos, veem-se alguns bosques pequenos, nuvens vaquinhas raras, quase todas brancas. O silêncio da paisagem desolada e raramente interrompida pelo gramar de alguma assimilada banda de animais esbranquiçados. Nas pequenas árvores magras e torcidas apagam-se, ou como que se encrustam grandes bolhas de terra endurecida e parda, que amassam e constróem infinitas legiões de cupins, insetos tritubíos, que se grupam e se abrigam em soltas maradas, por elas festejando sentir daquelas grandes bolhas de terra pendentes das árvores como trufas monstruosas.

Os grandes taboleiros acabam, o terreno tomba para um vale, ou longe, há manchas de verdura negra ponciana de ouro. E' o espesso laranjal que esconde umas casas distante. Adianta-se que há ali água: um ribeiro, um pequeno tanque, ou um simples poço. A nota vibrante, longa e sonoro do canto de um galo denuncia a existência de um morador, dono de pequeno retângulo de verdura clara e ondeante: um cananal.

O trilho, na tombada dos taboleiros, é fundo e canhão das chuvas; aflorem à terra cristais soltos, selos brancos arrancados do solo pelas patas dos cavalos e meio molhados das rodas dos carros de boi num pô branco que arrebela e faz renhar o vento frio das árvores. Lá de dentro sobre a bala excede o vale. Desce o caminho, ou longe, em frente, começa a montanha, como que balançadamente, a crescer, outra serra, que a sol descambando iluminada e que se vai desenhando, ali, em curvas encravadas, alem em dentes avulvados, que, à medida que o matadouro caminha, abrem-se, fecham-se, somem-se, aparecem, crescendo sempre e mudando de forma.

As serras entre a Baia e Minas não quase sempre escaladas. Os campos temem aparente, durante a seca, de uma absoluta esterilidade. Desaparece o gado, somem-se as estradas -- tal tudo para o lugar misterioso que se chama -- "os páis". Nos pequenos cercados, onde se planta o milho, brota alguma erva, há uma aparição de redura e o gado engenho desobre alguma coisa para comer -- sobretodo palha de arroz e de milho. Estas pelhas dão o nome a estes refúgios do gado. Durante a seca, pode dizer-se que todo a região hiberna. Não se falam plantações, nem se trabalha em cultura alguma, não há queijos, nem manteiga, um copo de leite é uma coisa misteriosa, quase fantástica. Os moradores conservam junto às suas maradas apenas os cavalos e mulas indispensáveis. A interrupção do trabalho é absoluta. O gado, (bol, vaca, touro, bezerro, cabra, carneiro) vai para as palhas ("os páis"); os animais de carga e de montaria ("o cananal") também para as mesmas palhas; as "criações" (galos, galinhas, galinhas d'Angola e porcos) vivem em liberdade junto e dentro das casas. A fome, a luta pelo rido, dão aos porcos uma energia, uma audácia e uma astúcia incríveis. Saem para longe das casas, onde vivem por assim dizer da comida que ninguém lhes dá: arrancam e devoram raízes, onde a sua imaginário, mais do que o seu estômago, encontra um simulacro de alimento, e com voracidade atiram-se a polpa verde e viscosa dos cattus, afastando os insetos e jucunhos espinhosos, que lhes desceram as garras. São marcos, cobertos de pó, furos como faias apocalípticas, tendo a espuma a aparecer no dorso, acidentado como o corte de uma serpente. Se a porta da casa surge um morador traçando à mão uma ranhura, que se dispõe a descascar com a grande faca astada, de todos os pontos do horizonte galopam sobre elas nuvens de todos os tamancos que lhes formam à roda um círculo agitado de fônhos grunhidores e levantados. Adivinham que lhes não ser jogadas as cascas da laranja.

Quando o dia de viagem for longo, há uma infinidade e triste voluptu em estar a gente deitado sobre um couro, estendido no chão, junto ao lugar onde vai ser armada a barraca do descanço noturno. A terra tem ainda algum calor que lhe deu o sol, que, já baixa, descambando, parece que vai ser cortada e roida e como decorado pelas dentes azuis da serra escalvada, cujas fitas crestas se estampam no céu.

Com o afrouzar do ardor do sol, baixa do azul profundo uma frescura indiana. As árvores empotreadas e ressequidas da estrada, na diminuição da luz, perdendo a dureza do seu desenho violento e deserto. Voltando-se para o sol que se leva contorno na abóbada sem lim, o olhar é fascinado na atração irresistível daquele Nada azul, é a visão é só de azul, desse azul que parece azul, parece nuvem de si mesmo, num lento, silencioso e ritmado, terra churrando. Sente-se a resina que se difusa e se retrai, se o mundo azul baixa mais perto, ou lençola se mais longe, num azul infinito, e os olhos, que não olham, mas estão rendo, acompanhando o caminhar em longos giros e em treteias, portas imensas de uns pequenos edifícios de formas, incômodas, portas vagos, oscilantes, e de trêmulas ondas tão reais, que parecem estar no azul, mas que estão nos nossos olhos. Olhados no engano da vista, espelho sempre turvo de velhas idílicas choradas.

AS TRES IMAGENS DE EDUARDO PRADO - Mucio Leão

Lu Eduardo Prado traz imagens diferentes para serem fixadas definitivamente em nosso espírito: a do dandy, a do monarquista, a do adversário dos Estados Unidos.

A imagem do dandy é talvez a principal das três. — Eduardo Prado, foi tou, peito-menos, deixou essa tradição; o brasileiro mais elegante do seu tempo, aquele que soube viver mais em harmonia com um tipo ideal do homem mundano, tipo seu curioso romântico, e até absurdo, que esses amigos habituados a encontrar em certas novelas, e hoje vemos frequentemente em certos filmes do cinema americano. Seus amigos mais carregados, os que o conheceram mal na intimidade, os que deixaram para a posteridade a figura que dele se havia de fixar — esses nos contam o que era esse homem, como elegância e como requinte. Dizem que ele fez várias vezes a volta ao mundo. Narram que ele passou — mesmo no interior do Brasil, mesmo na fazenda do Brejo, para onde se retirava, quando se sentia cansado da vida exaustiva nas grandes cidades — milhares de objetos que serviam para completar a sua elegância. Afirmam que os sapatos que ele usava se contavam as centenas... Que os chapéus com que pilotava a cabeça eram também aos milhares, e tinham todas as procedências e formas possíveis... Que as suas roupas vinham dos mais famosos alfaiates do mundo, e eram sem número. Tudo isso eles contam. E o mais famoso e o mais ilustre dos seus amigos, o Dr. Queluz, tornou-o para inôdeos dos personagens de maior requinte, cando, ora a Fazendeiro Mendes, e ora a Juventude, certas fôrças que pertenciam a Eduardo Prado.

A do Monarquista foi a segunda imagem que Eduardo Prado nos ficou. — Ele pertence a uma das famílias que podiam elevar estruturalmente o Brasil, e assim era natural que se antivesse essa responsabilidade no regime monárquico. Toda a gente do seu sangue falava de tradições, vivia para as tradições. Junta-se a isso, para lembrar no capítulo de Eduardo, a terrível inconsistência da primeira fase da República, aquela fase comum à monarquia de Luís, quando o novo regime apareceu morto dos seus desafins, vacilante em suas bases, desmoralizado pela encarrada das adesões, e propagando em todos os horizontes uma imprensa de confrontamento e de dor. Mais ainda e ridículo do que a mídia dos brasileiros, Eduardo Prado devia sentir, ter um sentimento profundo de vergonha, diante de tantos desastres dos seus pais.

Eduardo Prado, sempre vivo -- Tristão de Athayde

Eduardo Prado passou por nossas letas como um meteoro. Desse breve apagão durou sua ação, de 1930 a 1931. Surgiu com a República e morreu com o Século. Mas deixou de seu pensamento uma esfera indelevel. Foi, em nossas letas, com Nacuto, como Arinos, como Graça Aranha, como Oliveira Lima, para lutar apenas nos que estão mais próximos de nós, um dia que viveram entre o Brasil e o Mundo, entre a fazenda e o boulevard.

Começou, como se sabe, em pleno socialismo. Serviu mesmo de modelo a Eça de Queiroz, para criar os mais expressivos dos seus tipos literários. Era então, quando freqüentou as recepções de Neuilly, uma flor de civilização. Rijo, viajante, culto, intelectual, aristocrata no verdadeiro sentido do termo, tinha como ninguém aquilo que os barbares de nossos dias conseguiram tornar odioso — raça. Era bem nascido. Tinha perço, como se diz. Mas não era apenas, como se afigurou a muitos de seus contemporâneos, e talvez ao próprio Eça, uma flor da decadência. Possuía, no amago de si ser, uma fibra que os acontecimentos iriam por a prava.

Desde os tempos de Academia revelara Eduardo Prado as qualidades de independência de caráter e de coragem que seriam, mais tarde, os traços mais típicos desse jovem aristocrata que se colocava, um pouco arrogante, no arrepiê de tudo o que a sua geração adorava. Foi desde estudante que revelou, no Brasil, aquilo que Disraeli considerava a grande força da Inglaterra — que é os homens de bem não tem menos coragem que os canhais.

Transposta a frase por termo, menos agressivas e mais justas, pode-se dizer que Eduardo Prado mostrou a sua geração que os homens de tradição não tem menos coragem que os revolucionários. Sua geração estava pincrada de espírito revolucionário, particularmente em um de seus traços mais característicos — a hostilidade ao passado. Esse revolucionarismo dos moços do fim do Império era representado por três ideias centrais — a República, a Abolição e a Impiedade.

Gonzaga Duque, que foi da geração de Eduardo Prado, deixou-nos numa crônica da "Revista Contemporânea" de outubro de 1900, um retrato de sua geração que nos vai mostrar, de modo luminoso, o estado de espírito contra o qual Eduardo Prado quase sozinho, entre os seus companheiros, reagia em parte com uma coragem, um desassombro, uma arrogância juvenil e firme que iriam para sempre gravar a sua personalidade inconfundível das anais de nossa história política e cultural. Eis a página

Contam seus amigos que em Paris ele escondia do seu mordomo inglês os jornais brasileiros em que iam narradas as histórias das nossas desordens... Não queria, em sua alma de patriota, oferecer a um cartangelo, mesmo sendo esse estrangeiro um seu servidor, espetáculo que lhe parecia nada recomendável para a sua terra...

Nesse terreno, a posição de Eduardo Prado foi a posição de muitos outros brasileiros, que depois vieram a servir devotadamente a República. Um desses, e o mais característico, porque o mais ilustrado, foi Joaquim Nabuco. Também se retraiu do cenário político, com a vinda da República. Também se refugiou numa solidão só própria ao trabalho intelectual, aproveitando esse afastamento que o novo regime lhe deixava, para compor os seus livros mais belos. A República, porém, sabia onde se encontrava Nabuco, e, no momento em que ele se tornou imprescindível, foi procurá-lo.

O mesmo teria acontecido com Eduardo Prado, se ele não tivesse morrido tão cedo. Ao morrer exercia uma grande atuação jornalística em São Paulo. Mais alguns anos, e teria vindo para a Câmara, teria vindo para o Senado, teria sido Ministro. E, como era paulista e tinha, nesse sentido, com o simples fato de seu nascimento, meio caminho andado, talvez um dia houvesse chegado à Presidência da República.

A terceira imagem de Eduardo Prado é a do adversário dos Estados Unidos. Ele era, em essência — pelo espírito, pelo intellegência, pela educação — um europeu. Era visceralmente, com Fradique, com Jacinto, um homem de Londres, ou melhor dito, um homem de Paris. E todo o seu ideal — refiro-me ao ideal político — consistia em transplantar para o nosso continente os moldes gloriosos que tinham levado a França e a Inglaterra à posição em que as vis.

Era natural que a esse homem polido causasseem haver certas forças progressistas da civilização americana — toda devoção, toda muscular, toda fisionomia. Era ainda confundida com a idéia de que o Brasil empenhava para se tornar, no Sul do hemisfério, uma réplica do que era, no Norte, a grande Província abandonando para isso os modelos tradicionais de herança colonial, da harmonia, da pureza, das atitudes e das idéias, que haviam aqui florescido sob o efeito de D. Pedro II.

Vá ele a fundo, que tenta de imitar as instâncias dos Estados Unidos, e trata de nos adversários, como os Estados Unidos. Mas não basta a faz, elendo um grifo. «Péreles, no seu célebre discurso do Cerá-

mico, disse: Dei-vos, ó Atenienses, uma constituição que não foi copiada de nenhum outro povo. Não vos fiz a injúria de dar-vos, para vosso uso, las copiadas das de outras nações». — Esse preceito de Pericles queria ele, e muito justamente, que nunca fosse perdido de vista pelos nossos homens de Estado. E assim o disse: «Os legisladores latino-americanos temem um valade interamente inversa do nobre orgulho do Ateniense. Gloriam-se de copiar as más de outros países. Todos os povos espanhóis da América, declarando a sua independência, adotaram as fórmulas norteamericanas, isto é, renegaram as tradições de sua raça e de sua história, sacrificando ao princípio insensato do artificialismo político e do exótismo legislativo». Esse era o ponto de vista central de Eduardo Prado, em seu combate à União Americana. Mas haveria muita coisa a dizer, para argumentar com ele. E em primeiro lugar isto: Eduardo se revoltava contra os nossos legisladores, os brasileiros e os latino-americanos em geral, que procuravam adotar em nossas legislações principais e instituições exóticas. Mas em benefício de que combatia ele esse ponto de vista? Em benefício do regime monárquico — o que era, como ideal político aplicado ao Brasil, o mais exótico dos exóticos. Pois vinha para um continente onde nunca se pudera adaptar a instituição da Monarquia. Não era uma contradição?

Tais são as imagens que Eduardo Prado deixou para a posteridade.

Hoje, distantes quarenta anos da morte do escritor, essas imagens se atenuam e como que se fundem umas nas outras. Já não vemos mais o Eduardo dandy, nem o Eduardo homem de idéias políticas, nem o Eduardo adversário dos Estados Unidos. O que vemos é a figura do patriota, a figura do homem que tanto amou o Brasil, que tanto procurou elevá-lo. O que vemos também, é o coração que soube transferir esse grande amor que teve pela sua pátria para a humanidade inteira, procurando compreender todos os povos, todos os indivíduos, e encontrando para definir esse sentimento de universal compreensão, expressões felizes como essa a que Afonso Arinos soube dar toda a significação que ela tem, de chamar a todos os homens companheiros do planeta; ou como essa outra, de dizer que tinha para todos os seres do planeta uma simpatia irradiante.

E essa imagem total a que possuímos hoje de Eduardo Prado, é ela a imagem que cada vez se irá impondo mais ao coração de todos os brasileiros.



Eduardo Prado, aos 29 anos de idade.

vam-se questões de Arte, com predileções por escolas. Nos moços, queríamos o Experimentalismo, julgávamos pelo documento. As relações românticas tinham-nos cansado... Atacava-se o nome de Alencar com uma acrimónia desforrada. Macedo agonizava, ouvindo a vaia assobiar-lhe a sombra. Mas, onhavamo-nos em derredor, de bugalhos affitos, a procurar os ídolos que satisfizessem o nosso fetichismo. E não tinhamos ídolos. Langavamo-nos, então, a confraternizar com uma geração portuguesa que já tinha passado que era apenas uma tradição. Resurgímos a luta colimbri, irreverentemente apedrejávamo-nos a memória de Castilho, que nos parecia o pai espiritual do caturismo brasileiro... O "Primo Bozil" chegou-nos nesse tempo" (Revista Contemporânea — outubro 1900).

Eça de Queiroz foi o Malherbe dessa geração "fim de século". Eduardo Prado participou dessa idolatria ecolâna" que atingiu ainda a nossa própria geração. E sua amizade íntima com o grande romancista em Paris, é até hoje, um dos temas mais típicos das relações literárias luso-brasileiras. Ao contrário, porém, de Gonzaga Duque e da generalidade dos seus contemporâneos, desafiou Eduardo Prado o espírito de seu tempo e de seus companheiros, desde os bancos da Faculdade, marcando em parte, desde moço, contra o revolucionarismo de sua geração, o tradicionalismo de que foi então o paladino quase solitário. E ainda sem dúvida, hesitante e tímido, tal a pressão do ambiente estudantil e a apatia do meio social.

Foi preciso o choque da República para desatar em Eduardo Prado a fibra do polemista extraordinário, do escritor tão elegante e singelo de estilo, como poderoso em suas sentenças viris e águas em suas observações psicológicas. Foi a luta contra a Ditadura militar que deu firmeza inabalável a uma posição que até então se confundia com a atitude paradoxal de um moço rico e nobre que defendia a sua casta e os seus privilégios ou quando muito pretendia ser um original.

Foi logo a partir de 1889 que Frederico de S. começou a impor-se. O Visconde de Ouro Preto, em 1898, conta a sua surpresa ao ler, em Lisboa, logo a chegada no exílio, sete anos antes, o primeiro artigo do misterioso pseudônimo, na "Revista de Portugal", sobre os acontecimentos recentes. "De quem, dizia eu de mim para mim, de quem a pena independente e solitária, que ora imita o látigo de Juventude, ora o burlil de Tacito?" Foi a mesma pergunta que por toda a parte faziam, nesse momento agudo, tanto em Portugal como no Brasil: todos os

Eduardo Prado, sempre vivo -- Tristão de Athayde da Academia Brasileira

que acompanhavam de perto os acontecimentos políticos. Sua posição foi comparada, ainda pelo Visconde de Ouro Preto, à de Hipólito da Costa. "O papel representado por Frederico de S. equipara-o ao grande jornalista nacional Hipólito da Costa que, durante anos, em Londres, reagiu, ele só, no seu *Correio Brasileiro*, contra os desmandos do regime colonial", (pref. a *Fatos da Ditadura Militar*, p. XII).

Em pouco tempo se tornava famoso, em todo o Brasil, esse destemido e magnífico polemista que até poucos meses atrás só era conhecido, pelos amigos mais íntimos, como um dilettante que iria naturalizar, em viagens e leituras, essa qualidade de seu espírito que Eça de Queiroz iria considerar — no maravilhoso artigo que em 1898 escreveu sobre o nosso Prado — como sendo a sua "quainte maestria"; a curiosidade.

Eduardo Prado entrava, de uma vez e de corporalmente, para a luta das idéias e para a glória literária. E' bem possível que, se não fossem os acontecimentos, tivesse perdido o seu tempo e o seu talento em viagens sem rumo, pelos horizontes da terra e do passado histórico. Nas páginas de viagem que nos deixou — e que constituem, para o nosso patrimônio literário, o que de melhor atíveus possuímos no gênero — mostra bem que a paixão das aventuras vivia nele como herança dos seus antepassados bandeirantes. Não fossem os acontecimentos e ficaria como Pradique, passando pelo mundo um olhar distorcido e ótico. Veio a Revolução Republicana, porém, vieram os "barbaros". Veio o jacobinismo de vistas curtas. Veio o ianquismo. Vieram a impiedade e o positivismo. Tudo aquilo por que os moços de sua geração tinham clamado nos patões das Faculdades, nas mesas dos cafés ou nas colunas dos jornaisinhos vermelhos — aparição de um momento para outro revestido da austeridade encasacada dos políticos e dos gaúchos militares do novo regime.

No jovem dilettante despertou, então a fibra combativa do bandeirante. De Paris viu o drama da pátria longínqua com a mesma angústia com que hoje do Brasil, um Georges Bernanos vê o da sua pátria mal ferida. E começou então sua carreira agitada de jornalista político e de panfletário, sem que jamais perdesse a linha ou descerasse. Revigorizou-se o seu tradicionalismo. O passado foi, para ele não um depósito morto de coisas idas, em que mervulhavam para ocupar as horas vagas e vazias, e sim um tesouro vivo de verdades que vio dar ao presente as soluções extintas que lhe escaparam.

Contra o ambiente iníco que dominava e que o positivismo tentava oficializar, com a sua igre-

jinha austera e seus dogmas homocárpicos — que pretendiam curar a impiadez pela impiadez, o velho dogmatismo pelo novo dogmatismo, o jacobinismo pelo clientelismo — levantou Eduardo Prado a bandeira de um catolicismo militante e varonil, que iria marcar o renascimento de uma Fé que, durante o Império, se deixara invadir pelo sentimentalismo mais verboso e pelo sinceritismo mais confuso. Como escreveu, em seu estilo acajado, um espírito que prometeu tanto em sua mocidade e tão pouco cumpriu mais tarde, em sua pobre vida malograda — "Eduardo Prado não era um católico especulativo ou platônico, nem pulhaamente sentimental ou apaixonadamente romântico; a seu espírito era bastante elevado para compreender o Catolicismo, o seu coração era suficientemente humilde para o praticar... Não se engomhava de publicar a sua fé e sustentava-a em toda parte e diante de todos, sem timidez absurdas nem tolo respeito humano; exercia, sem rancor, em larga escala, a caridade obscura, não só da simples esmola, do donativo fidalgo, do auxílio generoso — o que já era muito — mas também a caridade intelectual, a mais apurada de todas e a menos entendida pela sotavaria argentina, dagora... tinha finalmente em alta estima a oração, que é o respiradouro da alma e sabia, com singeleza, acotovelar-se democraticamente — ele, o aristocrata e o imperialista — com os rudes e os simples, na comunhão do mesmo anel e no consório da mesma prece". (José Sevciano de Resende — Eduardo Prado — p. 218/219).

A figura de Eduardo Prado, ao contrário de outras muitas do seu tempo ou de todos os tempos, é aquela que vai crescendo com o passar dos tempos, a despeito do gênero difícil que escolheu, o mais efêmero e o mais fadado ao esquecimento — o jornalismo.

Como Jackson de Figueiredo — que iria ser para a nossa geração o mesmo que Eduardo Prado ou Carlos de Lact foram para a dele — não teve Eduardo Prado tempo bastante para nos dar uma grande obra definitiva. Escreveu sempre no calor das circunstâncias. Criação mesmo que nunca nos daria uma tal obra, mesmo que tivesse vivido por longos anos. A "eurosiadade" de que falava Eça de Queiroz — que tão bem o conheceu e dele trazeu um retrato a pena que provavelmente jamais será excedido — essa avidez de conhecer homens e coisas lhe teria vedado qualquer obra de paciente investigação. Não que fosse um superficial ou um intuitivo. Ao contrário. Como jornalista, soube sempre aliar a graça mais alada do estilo à mais cuidadosa e selecionada documentação. Nunca escre-

viu no ar ou por escrever. Sempre teve em mira um propósito firme a realizar e um plano seguro a desenvolver. E foi sempre em torno do Brasil, de seu passado, de seus problemas, de sua preocupação futura, que girou o preoccupation maior de seu espírito. Porém os dias, em Paris a procurar nos velhos arquivários, obras e documentos sobre a nossa terra. E com isso formou, como se sabe, uma das mais completas "brasilianas" de que se tem conhecimento, erimamente dissipadas, por sua morte, e em grande parte vendidas ao estrangeiro Trabalhou, pela pena, como ninguém, para conservar a esse Brasil um patrimônio de preciosos intangíveis, fora dos quais sua história seria ou era fatalmente uma marcha para a negação para o severismo e para o domínio estrangeiro.

Riser Eduardo Prado não é, pois, apenas um prazer do espírito. Recordá-lo não é simplesmente um vago dever de fidelidade à memória dos homens ilustres do nosso passado literário. O autor do "Brasil Americano" é um homem sempre vivo. Sua obra é uma definição coríntia de rumos e de princípios que devemos seguir, ressaltar ou desmentir, mas que não podemos apenas saborear como delícia ou considerar a distinção. Conversamos e debatemos hoje, com Eduardo Prado como o fizeram, a seu tempo, aqueles que tiveram a fortuna de conviver com ele. Sua estima é de hoje. Sua leitura são de hoje. Suas preocupações e orientações continuam tão vivas hoje com há meio século. Temos muito a aprender com ele. E não amamos amores que, como eu, se consideram obscuros e indignos continuadores da linha do seu pensamento e da sua defesa de um Brasil cada vez mais fiel ao seu passado cristão e às suas raízes históricas e latinas, dentro das exigências do novo e terrível século em que vivemos. Não apenas seus heróis diretos, mas todos os que hoje veem e sentem as profundas ameaças que cercam a nossa civilização e o nosso patrimônio histórico, moral e social, e medem o grande jornalista da cultura brasileira, tão grande como historicamente o foi e muito maior, pela amplitude de suas idéias, do que o jornalista da outra "Autora", da Prado.

O tradicionalismo de Eduardo Prado é só, para os moços de hoje, um ruído tão novo e tão seguro, adquirido sem dúvida, nos novos problemas e poderão ser alguns cultos arcaicos, ou mesmo francamente inaceitáveis. — nós estamos longe de aceitar em bloco a sua herança. — como melhor não nosjuntar em nosso tempo? E' nisso, pois que conservaremos viva a chama do ressuscitado seu memorial e precaremos trabalhar pela maior divulgação de sua obra e de seu espírito. Pois não é um grande morto que festejamos, mas um grande de vivo que seguimos.

Correspondência Eduardo Prado na opinião de Vicente de Carvalho

DE EDUARDO PRADO A JOSE VERISSIMO

São Paulo, 2 de Fevereiro de 1897.

Meu caro Sr. José Verissimo. Ou estou em grande engano ou devo em parte à sua benevolência, de que tantas provas me tem dado, o prazer que tirei lendo a noticia da minha escolha para a Academia de Letras. É uma honra que eu não esperava merecer e que não posso reesar tanta a preia em. Esse movimento é em grande parte devido à "Revista Brasileira" e ao seu diretor cabem todas as glórias. É um fazedor de impossíveis!

O J. Nabuco teve uma bela idéia: a de colocar cada cedreiro sob o patrocínio de um ilustre morto, que não é (ele) ornamento da literatura brasileira. Desejo honrar o meu lugar (desde que o não posso fazer por outro modo) inscrevendo nela o nome do Visconde do Rio Branco. Como orador, como discutidor, como escritor diplomático, entra ele no quadro dos nossos literatos: é literato quem com vantagem, se serve da língua materna para fazer, pela eloquência e pela lógica, viver as suas idéias. E, para mim, este nome do Rio Branco que eu desejo glorificar como puder tem uma significação afetiva. É o nome do Barão do Rio Branco que, como grande pesar meu não foi incluído na Academia, infesta quer, espero, será reparado um dia.

Seu sempre muito grato e amigo — EDUARDO PRADO.



Eduardo Prado, num retrato dos últimos tempos

COMO UMA VISÃO

(Continuação da pag. 88)

bala e a malha forte via América. A Arte da Grécia e o, senso pratico de Roma-Pullas com a cabeça da Ioba — ela a utopia; o que ele queria em suma, era ter uma Pátria, era restaurar o seu Brasil e por isso Vivia, com a paciencia de um reconstrutor, reunindo os fragmentos do Passado e, engrandecendo a flora, nas conspirações ferviam, ele no seu retiro, no campo, ou no seu palácio, em Paris, telha alfarria-bicos, de cítrava manu-eritos, compulsava infilhos, para poder, um dia, oferecer a Pátria a Obla da sua veneração filial. Era um clemente do seu país... e o silêncio foi a homenagem que teve. Foi talvez melhor assim — Eduardo tinha horror a discursos principalmente quando carregavam solegismos.

Depois dessa noite de involúvel beleza, nunca mais o encontrei: foi uma vião feliz, motivo apenas para uma eterna saudade.

Campinas.

COELHO NETTO

EDUARDO PRADO, NA OPINIÃO DE JOAQUIM NABUCO

Excerto de uma carta de Joaquim Nabuco a um amigo de São Paulo, datada em Wimereux (França), em 4 de setembro de 1901.

"Nesta praia de França, onde vivemos para tomar um banho de sol e sol, cheguei-me a notícias do mestre de Eduardo, cuja sensibilidade operosa tem sido ultimamente posta à prova repetidas vezes, de modo cruel. Ali, a repercussão desse morte tão inesperado deve ter sido grande; e pois perdeu uma das suas inteliéncias, ainda plásticas, frescas, progressivas. For mal que ele fizesse para parecer um homem do passado, todo ele era movimento, vida, futuro. A certos respeitos, ele foi único entre os nossos homens de indiscutível conhecimento."



Um dos últimos retratos de Eduardo Prado

E' esta a pátria nossa amada,

que há mais de 330 anos, a nossa raça lutando contra os homens e contra os elementos, conseguiram fundar. Encontramos dificuldades e obstáculos de que a nossa energia triunfou. Nesta zona tropical, que se dizia inhabitável, levantamos a nossa tenda e, sob o céu dessa terra nova, cresceu a força com a força e a fecundidade das plantas vivas que dão ramos fundos e estendem longe a verda de suas frondes. Fomos vividos de trabalho, regado com o suor de todos os dias uma terra que só pela violência do labor frutifica e nos alimenta. A terra branca que a nossa raça trouxe da Europa aqui se tem dourado ao fogo de um sol sempre ardente. Temos tomado as terras os largos pedaços de terra, largando o véu sombrio da floresta hostil; e onde dominavam as febres da terra inculta, há hoje a verde salubridade das lavouras. Entram pelo nossos portos os navios que nos trazem os habitantes de outras terras que conosco veem trabalhar; e nos caminhos de ferro que fazemos, circulam em nosso solo a vida e a morte. E tudo isso fazemos sendo um povo orando e sociável, que nunca atormentou nem suplicou os fracos, den liberdade aos cativeiros, amor a paz e soube repelir pela força a agressão dos fortes".

Eduardo Prado

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 2.ª Série - Antologia da Prosa - XXIII - Lucio Cardoso

Lucio Cardoso



LUCIO CARDOSO

Lucio Cardoso nasceu em Curvelo, Minas, em 14 de agosto de 1914. É filho de Maria W. Cardoso e Joaquim Lucio Cardoso. Com um ano de idade foi levado para Belo Horizonte, e ali fez o curso primário. Em seguida mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez os preparatórios. Nesse intervalo voltou à Minas, tendo estudado no Colégio Arnaldo. Requerendo-se a si uma profissão liberal, estreou muito moço ainda, em 1931, com o romance "Malcria", que obteve grande sucesso de crítica e da público. Conhecido de todo o Brasil, publicou no ano seguinte o seu segundo romance, "Salvadouro", que despertou viva discussão. Em 1936, lançou "A Lira no sub-solo", por muitos considerado até hoje como o mais importante dos seus livros. Mudando intensamente de rumo, da vez a seguir,

"Mãos Vastas", "O Desconhecido" e finalmente "Dias Perdidos". Além disto, publicou um livro de contos infantis, um volume de poemas e finalmente, estreou, há cerca de dois meses, na teatro, tendo apresentado a tragédia "O Escravo" que agitou profundamente a nossa critica. No mesmo número tem mencionadas "A enigmática" e "Os desaparecidos". Promete também, para este ano, a novela "A professora Hilda", da qual damos, nessa edição, um capítulo.

"Salvadouro" e "Malcria" estão traduzidos para o castelhano, o primeiro publicado na Editorial Clarendon e o segundo na Editorial Embrê. Além disto, "Salvadouro" está sendo traduzido pela srta. Philip Carr para o inglês e o francês.

No prelo, para sair dentro de breves dias, tem Lucio Cardoso

ALGUMAS FONTES SOBRE LUCIO CARDOSO

Agrípino Oliveira — "Gente Nova do Brasil".

Jayme de Barros — "Espírito das húris".

Rosário Fúeso — "Crítica Literária".

Nelson Werneck Sodré — "Diletrizes do Pensamento Brasileiro".

Adonina Filho — "Cahiers da Hora Presente".

Além de trabalhos esparsos de Tristão de Athayde, Octávio de Faria, Vinícius de Moraes, Luís Deigado, Sergio Burque de Holanda, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado, Lucia Miguel Perti, Octávio Tarquino de Souza, Roberto Alvim Corrêa, Almeida Salles, Oscar Mendes e outros.

Bibliografia de Lucio Cardoso

Malcria (romance) — Capa de Santa Rosa — Schmidt, editor — Rio — 1934.

Salvadouro (romance) — 269 pgs. — Capa de Santa Rosa — Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1935

A Lira no Sub-Solo (romance) — 429 pgs. — Capa de Santa Rosa — Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1936.

Mãos Vastas (novela) — 181 pgs. — Capa de Santa Rosa — Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1938.

O Desconhecido (novela) — 254 pgs. — Capa de Santa Rosa —

— Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1941.

Dias Perdidos (romance) — 402 pgs. — Capa de Santa Rosa — Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1943.

Poemas — 102 pgs. — Livraria José Olympio, Editora — 1941.

Histórias da Lagoa Grande (contos infantis) — Capa de Edgard Koech — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1939.

O Escravo (teatro) — Representado pelos "Comediantes", 1943.

Novas Poesias (no prelo).

TRADUÇÕES

O Livro de Job.

A Ronda das Estações, de KAlidá.

Ana Karenina, de Leon Tolstoi. *As Confissões de Moll Flanders*, de Daniel Defoe.

A Princesa Branca, de Maurício Barrig.

O Fim do Mundo, de Upton Sinclair.

Gruhilo e Preconceito, de Jane Austen.

Fuga, de Ethel Vance.

Bracília, (Brahm Stuck).

Capítulo de Romance (Final de "Dias Perdidos") — Lucio Cardoso

O vapor estremecia de modo violento como se, chegando o fim de noite, o trem fizesse um derradeiro e desesperado esforço para atingir o seu destino. No ambiente estuquizado e sujo, céusas sonolentas rolavam no dorso dos bancos, enquantos ao fundo, junto à porta sozinha em longos e pesados estremecimentos, uma criança chutava convulsivamente. A mão tentava soltar-lhe, balançando-a nos braços — e do lugar onde estava sentado, Silvio distinguia apenas aquela monte de flanelas cor de rosa que grifava e espessava. Mais às vezes tudo se confundia aos seus olhos, um nevoeiro espesso, irrereal, explutava na mesma densidade cintilante o envólucro cár de rosa, e à medida que se presa no alto, os capotes nos rebobinados e os faces mais próximos. Silvio fechava definitivamente os olhos, sentindo percorrer-lhe sobre o rosto um estranho e doloroso sentimento de inquietude. Tudo o que fazia parecia-lhe então uma loucura, o rosto fumaça misteriosamente dos seus olhos, sua decisão se apresentava como gestos confusa, vagas e irreal. Com o espírito voz sem conseguir sufocar aquele sentimento de inutilidade, procurava resgatá-lo a lugar em que se achava, dormir um pouco. A si mesmo, pergunta quanto tempo ainda duraria a viagem. Quando chegava os olhos, via de novo a vidriosa desliza, rebolada pelo frigor do corvo em movimento. O ambiente sufocava; agitava-se, voltando o examinar, com olhos vermelhos e ardentes, o mundo estremunhado e sujo que o cercava. Faces gordas, vermelhas e sujas, sucediam-se em fila regular e escalaria, até se perdem no fundo da porta envidraçada, como no fundo de um lago entomado. Não resistindo mais, ele abriu bruscamente a vidraça: o tempo surgiu imenso, adormecido

na sombra, sumo onda de ar fresco, surreu a atmosfera morto do vegônia. Folhais brincavam-lhe leito de estrado, dançavam um minuto junto à janela e iam morrer ao longe, sob os tricelos de capim. De vez em quando, numa visão rápida uma ou duas casas emergiam de repente da escuridão, juntas, solitárias, iluminadas por uma luz fumarenta e triste. O trem se achava devolvendo de novo à escuridão e ao deserto de noite a dominor, coanhado pelas vagoulumes que se austrinavam sobre a vegetação roseta. Não raro o medo quase apitava surdamente e todo um pavoroso surgiu, fábricas espontâneas, charminas de usinas, luces que à distância parecia tornar mais débeis. O trem diminuía a marcha, suspirava longamente, detinha-se aos poucos, vencido afinal, nessa corrida que durava desde o amanhecer. O ruído de ferros morria, enquanto vezes se elevavam na estação. Bandos de moços e rapazes afrescavam num voo gritado e alito bandejas de bolos e copos com limonada. Um cheiro forte de café impregnava a estação. Novo espírito surdo e com um profundo estremecimento, o trem se punha em marcha. O carro deslizava junto à caixa de passageiros, de onde penitulava um grosso tubo de borracha que aíndava escoria. A pequena estação ia desaparecendo no silêncio da noite e o campo reaparecia solene, impetuoso, aberto em solares brejos, onde os supos cooxovam. Silvio voltava a fechar os olhos, sentindo que o pesadelo se apoderava da sua consciência.

Sil, este rapaz obrigado junto à janela, enrolado num copote escuro e com a cabeça inclinada assim de não ver os outros passageiros, este criatura ironizante e timida, da seria realidade dele? Teria realmente deixado Vila Velha, não

era aquilo apenas um sonho, tivera forças para tanto? Mas aquela coração desconhecido e tormento do não o enganava, há muito estava acostumado a conhecê-lo todos as bordas, a distinguir as menores nuances de sua oleaginosa, suas tristes, rápidas e humildes alegrias. Era realmente a ele que pertencia aquela área devotada nos seus mínimos segredos. E como curioso, quanto mais se aproximava do Rio, menos distante sentia o lugar queinha de obnônia, dono, no entanto, de nosca, cresceria e apreender a conhecer o mundo. Como que a distância tornava essa imagem mais forte, mais nitida, devolvendo-lhe intacta sua nobreza, que só era surdo em obnônia, restando-lhe só a infância, seu nome nem sequer fora pronunciado uma única vez. Mas vieram Diana, Comilá, outras amíbias menores, vultos mais pálidos, delimitando ao longe as fronteiras do mundo vazio. Sim, agora Silvio sabia que esse harmonio sonhado só fora conseguido durante um certo momento, rápido fulgor da céu da sua infância, diminuta fração de tempo em que todos os desordens se haviam colado e os estrelas haviam consentido em order silenciosas e grandes no ohônado levantado pelo seu entusiasmo. E depois fôr tudo um estofamento, as sêras se desajustavam nas órbitas sonhadas, Jaques surpresa, correntezas opostas começaram a arrastá-lo, Esperance, Lírio, todo e todos que, afinal, estabelecia o seu melancólico domínio. Mas há pessoas que jámás se curam dos seus próprios sonhos: quanto mais violenta é a queda, mais alto voltam a colocar suas aspirações. Onde quer que fôsse, em que mundo extraordínario e novo penetrasse, Sil-

vio carregaria sempre o ideal desse horizonte perdido, desse mundo perfeito, criado à imagem do outro, tem os seus cristais e os seus astros. Mas os homens não amam os astros, e o destino dos estrelas causa-lhes vergüenza. Explodem, tombavam do alto, como se fossem soprados por um vento malefico. E Silvio se encontrava só, com imagens que nôo mais exprimiam, incapazes de realjizar aquelas fragrâncias, tem poder reconhecer nesses vultos observados a meio da noite, no esquecimento, as sêras que tanto amava. E um gemido se elevou do seu coração: que subite realmente dessa implacável instrução que o tempo opera sobre os sêras e os coixos que mais amamos? Que resiste a esse corrimento lento e invisível, a esse fogu que não poupa colo algun?

Silvio agitou-se no banco, e respondeu os olhos, fitando de novo a paisagem. O mundo pareceu-lhe de repente mergulhado numa incerteza e mórbido tristeza. As pessoas que o cercavam surgiram ao seu olhar num realidade inquieto e profundo, almas ressecadas pela falta de amor, pelo ânsia de prover e por uma dura obstinação no éter. Ali estava precisamente uma impremissa desse mundo destruído pelo solstício e pelo vulgaridade: a senhora do fundo, ainda lutava com a crônica pálida, descalhada, procurando em vó suaves e excesso de fose que causava a fumaça do charuto do vizinho. Como ao mesmo tempo procurasse desembocar uma pequena mole sob o banco, Silvio levantou-se para auxiliá-la, sem conseguirem reprimir o denso irritação que se apoderava dele. A mulher agradeceu-lhe o entanto com um olhar tão úmido e caloroso, que ele se sentiu envelopado. No momento em que lo se retirou, um gesto menos hóbil de

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

mujer fez o mala rolar e obriu-se no chão, deixando à mostra uma porção de mudezas, pentes, escovas, medadas de fitas que se desenrolavam na assobada suja do vagão. Silvio ruborizou-se para ajudar-lá, suas mãos se confundiam, enquanto ela via, procurando desculpar-se. E da mulher se desprendeu um cheiro nômeno e familiar, uma mistura de suor e sobro borato. Depois de recolocar os objetos na malota, agradeceu ao rapaz, voltando suado e vermelho e cuidei da criança que esperneava.

Silvio ia voltar ao seu primitivo lugar, quando o trem apitou. Uma estação devia estar próximo, ele abriu a porta envidraçada e colocou-se junto à balaustrada. O vento forte agitava-lhe os cabelos. E realmente um novado surgiu ao longe solitário como um pequeno oasis de luz no deserto da noite dilatada. O trem deteve a marcha e Silvio ouviu o guarda-freio que batia nas rodas. Depois de alguns minutos, o viagem se reiniiciava.

Agora voavam de novo em pleno campo. Silvio reparou que do outro lado, do ponto onde a noite parecia menos densa, alargava-se ainda uma enorme nésteca vermelha. Sombrios espetáculos de árvores e montanhas se recortavam contra esse fundo cárde brasa. Durante algum tempo ele aspirou com força e umido perfume da campina, reconhecendo alguns odores que lhe eram bastante conhecidos, odores que o acompanhavam desde a infância, misteriosos, persistentes, rebentando inesperadamente de gavetas fechadas, das ervas umedecidas pela chuva, da ar primaveril, onde se diluía a respiração direta dos magnólios. Tudo aquilo lhe fazia lembrar coisas desaparecidas há muito, imagens que no momento não pareciam destinadas a permanecer, mas que agora ressurgiram intactas. Reviu Aurora inclinada sobre o grade do jardim — essa grade que estava em quase todos os seus sonhos, ver-de-escuru e semiarruinada, ande se

debruçavam tantos vultos queridos, junta da qual tantos momentos graves e belos se tinham perpetuado — conversando com Maria Ernestina que agitava os braços do lado de fora. Enfim o respiro de flores, e esta última mostrava à omíga uma grande orquídea branca que fôra colher no campo. Via Clara também, a tesoura nos micos, podendo o arva dominho que ameaçava os roséolas. Quantas vezes a vira comprimindo o rosto humilde e familiar? E Jaques também, e Jaques, sobretudo, com essa nitida constância com que costumava vê-lo ultimamente, sentado à sombra do pé de acácias, franzindo no pescoço o velho chale. E dia a dia não sentiu-se tornarem mais vivos seus pontos de contraste com o pai, mesmo nas attitudes mais desprevenidas e nos momentos mais destituídos de importâncias? Não sentia hora e hora crescerem essas semelhanças vindas de tão longe?

Mais surgiam outros tempos, um vento escuro e tempestuoso soprava de longe. Reviu Diana, aspirando uma flor no meio da estrada, a rosto pálido, já devorado por essa sede de viver que cindia a levança à destruição. Junto dela, Chico, com seus sapatos brancos, seu ar esportivo, seu falso e perigoso mocidade. E mais longe, como um pálido fantasma emergindo de áeros remotos, Lino surgia cravando nela os olhos interrogativos e admirados. E tudo isto permanecia isolado, fechado no seu consciência com um terrano ouï-nomo, um bem que não se perde mais. Onde quer que fosse, sentia sempre a presença dessa infinidade, dessa verde ilha de felicidade, desse terreno que a vida misteriosamente preservara como um dom da sua natureza.

Mais uma vez o trem apitou, e Silvio viu uma fileira de luzes que surgiam no escuridão. Errom os subúrbios do Rio, o viagem se aproximava do seu término. Qualquer coisa obscura agitou-o, seu coração

pôs-se a bater com pancados mais fortes, enquanto ele se debruçava, olim de ver melhor o lugar que chegavam agora. Cacos se omontavam umos sobre os outros e, de vez em quando, no meio das suas sombrias fachadas apontava a face iluminada de um cinema. Uma fileira de lâmpadas coloridas balançava-se ao vento. Nas esquinas, um lampião solitário espalhava uns luzes arrozeadas. A cada um desses detalhes, Silvio murmurava: "E o Rio", não com a intereste de quem vê a cidade pelo primeiro vez, mas como quem descobre finalmente uma imagem perdida há muito, um rosto esquecido e operado de tudo cordial e familiar. Pois era de Diana que ele ainda se lembrava, não a Diana que deixara em Vila Velha, mas a que perdera um dia — nôa e criatura inconsequente com quem se costara, mas aquela que vira pelo primeira vez no "carrousel", seu primeiro namorado. Sim, apesar de tudo, aquela imagem ainda estava vivo dentro dele, vivo como no primeiro instante, quando no "carrousel" ela inclinara a cabeleira que vagueava ao vento. Qualquer coisa enorme se dilatou na sua alma — algo subtil; um pequeno e sogrado parêntese escapava à fúria da morte. A medida que se aproximava do Rio, parecia-lhe ouvir de novo a voz do caminhante, denunciando na paisagem desconhecida semelhanças com os lugares outrora tão amplamente descritas. Foi assim que aquela casa de fachada vermelha, aquela jardim de lutes espaçados, as charminas alfas e até mesmo os vultos dos transeuntes, tudo trozido à memória de Silvio a imagem de Diana, não uma imagem fragmentada, mas uma criatura afinal, sem porcas na sombra, sem fugas, sem mistérios na vida passada. E ao penetrar finalmente nesse terreno que lhe fizera rotunda durante tanto tempo, sentia a figura ideal

levantar-se dos seus próprios escombros, eterno, inflexível, não mais incarnaçâo a fracasso de uma unidade impossível, mas como o símbolo inlangivel do mulher que nos foi destinada, que procuramos sempre e não encontramos nunca. "Não tento colocar muito alto um ídolo que não merece, pensou ele, repartindo-o fatos antigos. O meu éro foi ter tentado fazer baixar de alta um ídolo que não podia viver entre os homens." Agora, ele a possuia como sempre devia ter sido uma visão, um sopro inspirador, alguém calig de muito puro e frágil, acima de nós mesmos, dos nossos erros e das nossas paixões, livre de destruição imposta pelo tempo. Se desse modo a imagem do mulher podia durar em nosso alme, não visível, presente a mortal das lutras de vida, mas como o próprio símbolo do amor, alto e metódico como uma música sobrenatural.

O trem ainda avançava velocemente, com opícos rouscos, protugados. Através da porta envidraçada, Silvio via os passageiros que se agitavam no interior do vagão, a quem sobravam embulhos e capotes, outros amolelados pelas viagens e pelo cansaço, preparando-se devagar para o descida. Entretanto, um fôrça desconhecido retinha-o nequela balaustrada o rosto sujo de carvão, cabelos revoltos, enquanto a cidade ia crescendo, rompendo formas, surgindo inteira das seu olhos dvidos.

Uma réstea de campo ainda se brava no fundo do horizonte — e no céu já completamente escuro, nitida e solitária, brilhava uma enorme estrela. Silvio indagava a si próprio se Diana também não o tinha visto um dia — a aquela cerca de aroma que separava o ruído da via férrea, o viaduto de cimento e a guarita do chefe do estação. Sua impressão era tão real que ele chegava a ouvir-lhe o voz, que ele chegava a ouvir-lhe o voz,

mo lá tudo é bonito". E tentava descobrir novos detalhes da pueromaria, indiferente ao vento e ao corvão, cégo pelo desejo de confrontar o sonho com a realidade. Enquanto o trem avançava num impeto cada vez mais surdo, ele sentia reintonar-se no seu íntimo, poderosamente, o mito da sua infância. O Rio, que tanto alegria, lhe volta-lhe afinal a Diana que em rencero nos tempos passados, uma Diana sem segredos, perfeita nas suas menores fragmentos, nos detalhes mais íntimos. Era com um estranho sôlo que ele se aposava de tudo ouviu que desconhecera e por cujo rôsto tanto sofrera. Disse-lhe que tentava reter alguma coisa prestes a desaparecer na correnteza, nessa terrível e insaudável correnteza que nos leva aos poucos ruído o que possuímos, dias, horas, minutos, desejos, emprôs, lembranças e presentimentos, com o peso e a indiferença das águas que arrastam clareiros para o lamento, senhor absoluto de todos os coissos perceptíveis desse mundo.

Seria apenas uma ilusão? Silvio sabia que não podia viver sem crer dentro de si o imenso de algumas deuses terranos e insustentáveis, alguns sentimentos que julgava irreversíveis à existência sozinhos. Ele sabia disto e tinha a impressão de que nôa alguma crise se salvava do imenso noívatio. Experiências e si próprio e dividido ainda, enquanto o trem demonstrava lentamente na noite chola de se instanciou um desiderado olhar a trecho cui ficava os longos, altos, ligeiros, brilhando azul no imenso silêncio da noite. Faria isto com quem sonha o futuro, à proposito de uma fôrça mudanca que o levava a enfrentar o que ainda lhe reservava. E compreendia que não se enganava e que uma fininha imponente resistia no fundo da sua alma. Calmo, devia-se novo à sua, procurando prender os homens o seu grande segredo.

BAUDELAIRE

Quando Baudelaire fala tão apressamente dos Estados Unidos, lançando sobre eles todo o seu furor e todo o seu desprezo, acusando-os de não merecerem a glória de terem sido o berço de um poeta — é que sob as suas palavras, o poeta das "Flores do Mal" escende a mesma acusação e a mesma pergunta ansiosa que paira sobre o seu próprio destino. Porque, na realidade, qual a terra que produz um gênio por merecimento, qual a que comprehende o desabrochar dessa flor que gerou misteriosamente nas suas entranhas, qual é aquela verdadeiramente nobre que o reconhece nos instantes supremos da sua vida — esses instantes, entretanto, que são como um relâmpago na culminância do seu próprio destino, uma fenda aberta bruscamente na face obscura que cada nuôdo modela para a eternidade. Esses momentos, repito, quer seja o da capitulação de um Goethe batendo no tiro da sua vida da lenda olímpica que criava, quer seja o da revolta de um Byron que vai fôrminar a sua nos campos da Gécia, quer seja aquele em que Dante + lancando no exílio, em que Rimbaud se consome como uma estrela cadente no deserto africano ou que Vertuina morralha no fundo de uma prisão — qual dessas nacções privilegiadas ousou reconhecer nesses míticos grâmaticos uma parcela do seu luminoso destino em movimento?

E que o gênio é um excesso, uma perturbação da ordem, o aparecimento de um clandestino, nessa viagem cujo mistério nivela tudo. Não nos enganemos: pelo sua própria condição, é ele o que não cabe em parte alguma.

A vida tem os seus concertos, os homens a sua ordem, a sociedade uma hierarquia perfeitamente organizada. Tudo o que nasce traz o seu lugar marcado de antemão, traz os seus direitos estabelecidos e limitados. Como situar pois estas forças desconhecidas, esses seres que não se submetem ao fato de controlar os outros homens, que estabelecem uma ordem de natureza própria, que desdenham as hierarquias e se dão um direito que não cabe a nenhum outro?

Ninguém melhor do que Baudelaire sabia disto. A sua vida inteira se coloca sob o signo deste trágico conflito, pois ele pertencia a essa raça dos que se sentem marcados desde o berço, a raça desses que arrancam das mãos os maiores blasfêmios. Esta marca terrível, que ele próprio tentou encobrir com tantos nomes — "spécie", "télo", "desperero" — no fundo nada significa, senão a sua radical incompatibilidade com a vida. Como soube ver tão bem Charles de Bus, Baudelaire era um desses raros a quem a vida nada pode oferecer, nenhum con-

fôrto, nenhuma promessa, nenhum esquecimento, porque ele repudiava tudo, porque nenhuma parceria do seu ser se conjugava com os divertimentos e a capacidade de esquecer dos outros homens. Ele era integralmente original, um desses espíritos formados de uma só substância, de uma só matéria espessa e irredutível, de um só trágico sentimento: o do supremo horror e o da suprema beleza da vida. Para Baudelaire tudo residia nestes dois polos. E' ele próprio quem nos diz, desde cedo conheci o horror e o êxtase da vida. Desde cedo poi soube como mergulhar nesses profundos recessos, nessas camadas noturnas da vida de cujas trevas tantos não souberam encontrar o caminho de regresso; e desde cedo também soube per essa beleza patética que lhe imprime o seu mais trágico emblema: o do tremediavel ejérmo. Tocamo aqui uns dos pontos essenciais da natureza de Baudelaire: nele se concentra o que de mais puro existe na sua poesia, nele se cristaliza um dos seus gritos mais constantes e mais dolorosos.

Para os poetas o passado é como uma segunda natureza, ele não se afasta jamais, não constitui esses terrenos fechados, esses lagos de água estagnada que tanto homens arrastam após si. Se nada permanece, para o espírito também nada morre. Basta fechar os olhos para sentir a imagem gravada indevidamente no fundo da consciência. E também é este um dos pontos mais graves da divergência do poeta para com a vida: ela não permite que voltemos impunemente os olhos para trás.

Baudelaire sabia disto e o exprimiu admiravelmente, ao constatar que a ideia do passado era um pensamento que gerava a loucura. Entretanto, qual o significado profundo da escravidão deste homem à memória, o que significa o seu grande grito: tenho muitas lembranças da que se tivesse mil anos? Não será ela forma mais viva de um castigo que recebeu com o próprio dom da existência? Porque não é só o que se relaciona diretamente com a sua própria experiência que o persegue como uma obsessão; é antes de tudo a infiltração desses obscuros rumores, desses dolorosos conciencia que vêm do drama do primeiro homem. O mistério de Baudelaire responda ao próprio mistério da espécie humana. E o enigma da sua degradação, é a vertiginosa consciência da sua queda, da perda cometido, da falta a resgatar. A projeção das "Flores do Mal" não é uma projeção satânica senão em relação a consciência cristã do poeta; desse fundo jamais oculto da alma de Baudelaire é que o demônio arranca a sua desmiserada prandeza. Toda a sua existência foi um testemunho contínuo da sua natureza cristã. Não é possível se enganar com os artifícios deste

homem, que dà impulso ao nascimento de tantas lendas terríveis, que pinta os cabelos de verde, que se arvora a flor da octocidade e do luxo, que sustenta amantes exóticas, que pavimenta a sua superioridade e os seus conhecimentos, que se rebela contra Deus num punhado de versos obscenos. Esta é a imagem utilizada pelos burgueses. Nós sabemos que ele mora no fundo de uma mansarda infecta, que a sua amante agoniza num leito de hospital e que é ele quem lhe paga todas as dívidas; nós sabemos que os credores o perseguem, que ele luta contra o seu padastro, que as suas vias satânicas são a inversão da sua consciência martirizada. Nós sabemos de tudo e de muito mais ainda. Conhecemos até mesmo as suas orações secretas, esses gritos e essas imprecações lançadas no silêncio, entre quatro paredes, quando tudo parece se estender irremediavelmente; se quisermos traçar a sua imagem autêntica, temos que ir consultar as cartas escritas à sua mãe, a alguns amigos, as suas notas, os seus diários íntimos. Só o estudo fixado esses dias determinados se repetirem indefinidamente, esses dias que não raro parecem concentrar todo o tédio e toda a amargura no espaço de um só dia. Quem não conhece esses inesquecíveis quadros de "Spleen", essas horas cutentes de chuva, essas gafes abertas onde jenejem velhas recordações de amores defuntos? A vida de Baudelaire é um remedial fracasso. Na realidade, como acelidam, como pactuam com as pequenas satisfações que os homens se concedem, como se divertir, quando ainda estarmos surdos ao clamor dessa herança, quando em nos, como rápidas imagens, emergem situações confusas de um paraíso que outrora habitámos. Nem tudo está morto no homem. E' em vão que ele queima a seu melhor incenso no progresso, a máquina a vapor, as gás, ao luxo das mulheres...

Na realidade, diz Baudelaire, só existe uma forma de progresso: a de diminuir as marcas do pecado original. Que significam estas palavras na boca de um homem que ainda ontem tocava os limites da rebelião humana, tentando cruzar um punhal no coração? "Mas tal bem o meu exemplo, diz ele no bilhete destruído, e como a desordem do espírito e da vida leva a um desespero sombrio e a um aniquilamento completo". Antes ele tinha dito ainda: "Eu me mata porque sou trutu aos outros e perigoso a mim mesmo".

Esta noção da sua degradação e da sua inutilidade é o extremo reverso do homem que se orgulha com os seus rudes entorpecentes, com o abandono e com "hachich", com toda a sorte de excitantes que lhe tombariam nas mãos. São os fundamentos

CONTEMPORÂNEA -- 2.ª Série - Antologia da Prosa - XVIII - Lucio Cardoso

UM CAPÍTULO DE NOVELA INÉDITA - Lucio Cardoso

... longe, da escada ainda, ouvi o riso da Felícia. Era um riso cheio comunicativo, um riso onde se sentia que havia muito desfrutado da terra, que amadureceu os frutos e aqueceu os moinhos. Ainda não tinha visto o que deixava a Fazenda das Tábuas — mas, defendendo-me levemente no meio da escada, fechando os olhos, lembrando-me, não era pequena que deixava há muitos anos, ainda envolta em lucros, mas de outra, da mãe, aquela que conhecia tão cunhada na força da mocidade, e que a morte arrebatara tão cedo. Era ela que eu via naquele instante, no escalar o risco de Felícia — e como este som argentino, claro como o de uma onda de certos partidos, revolvesse em minhas emoções sepultadas há muito, imaginei o que seria dessa também qual a sorte que lhe estava reservada, que destino amargo também diluiria no seu rosto esta expressão de felicidade que eu já advinhava pela simpatia suspeita do seu riso.

Par destraz de mim o tropeiro tocou-me com a mala:

— O senhor está esperando?

— Não! Não! — exclamei eu, continuando a subir, não estou esperando coisa alguma.

E apesar de tudo, novos e diferentes sentimentos me assaltavam, ao reconhecer um a um, dolorosamente, os detalhes da vanidade em que penetrava agora — a minha vida antiga. Margarida, nossas lutas e a minha vi-

nunca, todos esses episódios de uma inocéncia agitada e já encerrada se desenhava novamente aos meus olhos. Não era ali nequela cadeira de balanço, sob os galhos do jasmim que se abravam as colunas da varanda, não era naquele remanso de sombra que ela otimista passava a maior parte do seu tempo, leitado ou meditando sobre o destino em que se combatia o seu casamento? E as argolas de ferro que sustentavam a rede onde tantas vidas a via adormecida, o preguinho lapete de linhas em que pairava os pés deliciados e ate mesmo — Deus meu! — o livro no lado, o livro que ainda aguarda...

Ah quem fossem junto de mim! Voltai-me! era Rogerio. Adiante-se um passo para mim e friamente, tal como sempre fizera, de modo solene e artificial, estendeu-me a mão:

— Bemvindo seja de novo à esplanada, mano.

Cumprimentado do modo mais cordial que pude, enquanto ele pigarreava de novo, mostrando o seu embarraco, obteve para fora e mostrou o terreno limpo da fazedoria:

— Tudo em ordem, não? A mesma vida antiga...

Eis convidou-me a sentar, com um gesto de pesada nobreza. Acomodado nas velhas cadeiras de vime, fez um sinal ao tropeiro para que levasse a bagagem para dentro. Depois, com aque-

la impaciência que sempre o caracterizava, apoiando a cabeça no espaldar da cadeira, entrou direto no assunto que o preocupava:

— Si mandas chamar, mano, é que preciso muito do seu auxílio.

— Sei disso, respondi eu, Felícia...

Eis moveu a cabeça com violência:

— Felícia? Não, não é por Felícia. É coisa mais grave. E com um supro, que pareceu trazer um ar mais severo ainda à sua fisionomia:

— São coisas mais graves, coisas que eu considero segredos de família. Você descerto...

— Oh! não é preciso recomendar-me nada! — exclamei eu, já percebendo onde ele queria chegar. As nossas antigas disputas...

— As nossas antigas disputas nascem a ver aqui respondendo-me ele secamente:

— E com um novo suspiro, olhando-me de alto a baixo:

— Deixemos isto para mais tarde. Você deve estar cansado, não?

— Um pouco, respondi, a viagem é estafante.

Mínima resposta pareceu contrariá-lo. Balanceou de novo a cabeça e retomando a bengala une nunca abdicada, dispôs-se a acompanhar-me aos meus aposentos. Aquela hora toda a casa estava mergulhada em profunda quietude. Da sala dos fundos, portas, vinha o som de

um piano: advinhei Felicia inclinada sobre as teclas, decifrando algum difícil estudo dos cadernos amarelados que tinham pertencido a Margarida. E no mesmo tempo, enquanto avançava a sala e o vasto corredor examinava a figura de meu irmão, de costas ante mim. Há muitos anos que eu não o via: há muitos anos que eu abandonara aquela casa, disposto a viver por minha própria conta. E não fui muito longe dali, em plena estrada ainda, quando voltando para traz compreendi o segredo disfarçado da casa e senti-me levado pela graca de Deus. Fix-me religioso, envergou a batina, afastei completamente o meu caminho aquele que Roserio trilhava. Lembrava bem dos seus remoques e das palavras de zombaria que mandava-me dizer. Mas então, como agora, minha altitude era inabatável — de nada podia contra mim, como alias nunca o poude em coisa alguma, apesar da sua tremenda força. Passado tanto tempo, era ele próprio quem vinha a mim — o húnto de silêncio estava atravessado. Confesso que esperava encontrar um outro homem — e caminhando agora pelo corredor, examinando-o e sentindo a mesma criatura de outrora, violento e intratável. Por certo havia envelhecido; todo aquele rubor que parecia conservar na sua face, constantemente, uma vaga de concentrada ira, desmanchara-se em moles papadas que deformavam toda a nobreza dos

seus traços. Mais havia nele, atualmente, qualquer coisa de vivido e de cruel, uma outra expressão resignada e má, como a de certos homens que não ignoram o sombrio destino que escohem. Visei, pelos seus movimentos medidos e astuciosos que sabia muito bem que ele se encontrava em luta contra os homens. Às vezes, julgava perceber alguma coisa mais, um ponto mais profundo nele, na sua consciência — era quando, por exemplo, ele dava uma pontapé na porta, para abri-la, e me fixava, como se desafiasse a minha reprecação. Ai eu sentia que não era tão simples como imaginava e que havia algo de mais profundo e de mais desesperado na sua revolta.

— Gostaria aqui de uma bela visita, disse-me ele, pretendendo a janela de guilhotina.

E como eu tentasse ver por entre os seus ombros, aliás e largos ombros que me furtavam toda a claridade, ele sorriu com desdém:

— Achô que você aprecia essa coisa, não?

Nada respondi, contento em me debruçar à janela. Ao lume, no prado nu e escondido entre suas reses pasturantes.

— Espero para o almoço — disse-me ele. Tira oportunamente de conhecer Felícia.

E saiu, passando e batendo a porta.

- LUCIO CARDOSO

na sua revolta, o seu dilacerante protesto contra as suas imposições da vida, contra a engrenagem tão dolorosamente construída pelos homens e pelas coisas para sujeitar todo desejo de redenção. Ainda uma vez, Baudelaire era desses para quem a virilidade era a forma mais fácil de unigual.

Não é possível explicar de outra moda esse misto da fallidez, essa necessidade do drama que faz certas criaturas procurarem continuamente as cidades mais elevadas, os climas extremos onde sojam os mais furiosos ventos das paixões humanas. Era rebelião — o sinal das almas fatigadas, das que não sabem viver sendo tangendo as suas cordas suaves. Quase sempre, é verdade, elas se antiquaram sob o impelo dessa força que desencadearam. Niemand brinca impunemente com as forças do absoluto.

Quase sempre, como Holderlin atacado pela loucura em plena mocidade, arrastando durante quinze quarenta anos uma vida de inegociáveis martírios — como Keats, morio aos 24 anos de idade, depois de levar nos últimos tempos uma tão dilacerante existência que ele próprio a intitulava de "vida poética" — como Chatterton, a quem o desespero e a indiferença dos contemporâneos levou no suicídio desseete anos de idade — quase sempre elas na sua congeguem sonhar comprometer de modo irremediável uma existência para que não foram feitas. Mas a capacidade do compromisso é a característica dos genios. Poderemos perguntar que desejam elas, que mistério os obriga a lutarem contra a vida, a não aceitarem os privilégios que distanciam os outros, a não se submeterem? Pois uma verdade seja dita: em cada uma dessas criaturas existentes, ao menos "uma vez" deve ter surgido a possibilidade de resgate, da entrada no caminho certo. Ao menos uma única vez deve ter vindo a não desejosa criatura malária a possibilidade de transiante, de preferir o conforto, a estabilidade dos nestinhos, a quietude do lar, a presença dos filhos, em vez da loucura, da doença, da riqueza e da morte. Ao menos uma vez o destino deve ter oferecido a estes homens a possibilidade de regressarem ao normal — ou no que os homens estabeleceram como tal.

Nenhum, entretanto, aceitou a proposta trutulada. E nenhum menos do que Baudelaire. A sua existência é integralmente, fundamentalmente a de um insubmisso. Se a examinarmos de mais perto, nos documentos e nas memórias deixados verifica-se que ela foi um conflito dentro do seu tempo. O elemento ausente dessa solidade que representava era a grandeza, não a grandeza comum, mas a grandeza natural e absoluta da cultura humana na consciência do seu drama e do seu destino. Nossa o domínio, na França, era material de ope-

rata. Para Baudelaire, que não podia dormir nem no instante, essa vida constituía uma perpétua desfeita contra os ciúmos que nos levam a morte espiritual — e sabemos que ele não recava diante dos remedios mais perigosos — para ele, que conseguia ser um dos poucos homens a quem a tolice inútil roçou com a sua sombra impura, que significava essas palavras de ordem transmitidas pelos conquistadores do seu tempo? "Os renegados são uns miseráveis", exclama ele num dos seus momentos de celeria mais lúcida. Em como se exprime ainda: "... toda esta raiz moderna me faz horror. Vossos acadêmicos, horror. Vossas liberais, horror. A tirade, horror. O ricto, horror. O estile escorregadio, horror. O progresso, horror".

Maz Scheler, julando de modo por que a filosofia moderna encara o ato do arrependimento, afirmou que ela o desconhece tanto como esses profanos em medicina, que não sabem ver em certas afecções da pele, em certos tumores ou erupções, outra coisa além de uma repugnante doença orgânica. Entretanto, diz ele ainda, estes fenômenos representam uma operação bastante sutil e engenhosa do organismo, libertando-se de determinados remédios por auto-cura. E é este também, o significado profundo da revolta de Baudelaire. A sua explosão, ou melhor, a explosão de todos esses que de tempos a tempos assistem perturbar a ordem do mundo com a sua inquietante presença, é um fenômeno de autocura contra a irremediável desgraça de viver num mundo a que subtraíram todos os seus elementos de grandeza. Mas o que impediu esta explosão de ser um abominável ato de orgulho, um desses "ulos gatuludos" semelhantes a tantas que se processam no nosso tempo? E o arrependimento, inseparável da sua consciência crista. E' verdade que este arrependimento e como se fosse um ralo de luz nascendo do fundo de um abismo. Mas a própria profundezade deste abismo, é que dá a esse projeto toda a sua força espinhosa. Força e pureza, poi, todo Baudelaire é um clímax contínuo e desesperado pelo que de melhor existe no homem, é um grito constante, uma luta desenfreada pelo perfeccionamento. Mas, oh deus, tão grande ambição se chocou continuamente com as nossas miseráveis possibilidades. E há momentos na sua vida, que sentimos bem o esparto com que ele próprio contempla a inutilidade na sua luta, o fracasso infindo dos seus desejos. E quando nos diz, por exemplo, que entre a sua vontade e a sua capacidade se passa alguma coisa de ininteligível. Porque, repito vinda, o seu mistério se desabre sobre o próprio mistério do espírito humano. Nele não está todo o impeto e o sonhador fazer das forças eternas, aprisionadas num corpo voltado para o liso de que foi criado. Basta contemplarmos uma única vez um dos seus retratos, para compreendermos diante de que tragico e

insólito destino nos achamos. Diante dessa gravada pelo que de mais amargo existe na experiência de cabeça afirada para trás, diante dessa face marcial humana, como não reconhecer o capitão e a agonia do poeta que se consume num corpo inacessível, expendor de quem passava o pensamento nas sombrias manhas do ricto, do qual arde sem poder se libertar da forma escravola que o atraiu os melhores desejos.

Baudelaire é um desses poucos que soube arrancar da sua iniquidade um tão lucido e amargo clima de desespero. Nem mesmo a voz de Verlaine, nos seus mais eloquentes momentos, consegue uma tão profunda e trágica ressonância. E' que Verlaine sabe gemer depois de se achar livre, encarando a sombra da lareja. E Baudelaire jamais foi livre. Os seus gritos são os de um prisioneiro. E mesmo esse oceano de frangues que foi Proust, mesmo esse Proust em cuja carne o ricto marcava os siameses terríveis e explodiu-sa chagras, consegue ultrapassar a emoção do crivo das "Flores do Mal". E que Proust desceu no mal com quem desce ao destino último, a luta de o de não é possível mais subir, onde nenhum rito de los penetra, onde tudo caiu como um deserto.

E quando Baudelaire fala, sentimos que é a morte da nossa própria condição, sem forças para permanecer na noite obscura da queda, consolando por essa tremenda noção do pecado que matava os seus costos como uma cruz de sangue. Verlaine gemeu o que foi, num passado por ele intensamente renegado — Proust o que é e o que será eternamente — mas Baudelaire injuria a frangues que o afrouxou baixo, quando o destino, de bento e sábio, é subir a todo momento, e subir tão mais alto quanto mais baixo ele desce.

Não foi dos outros que ele exige a prova da seu resgate. Certo, nenhuma razão de mais pretensiosa existiu do que o vicio sem célio. E quando assistimos a passagem deste destino em combusão, salmos que é desse fogo que ele faz nacer as nossas qualidades mais reais e mais secretas, que é nela que ele vai purificar a que de melhor existe na sua vida. Ele como exerce no período mais afortunado da sua existência, pouco antes do apogeu, das "Flores do Mal":

"Descontente de todos e descontente de mim, queria resgatar-me e envolver-me um pouco no silêncio e na solidão da noite. Alora deixa-me eu amei, alora deixa-me eu cantar, justificá-me, ampará-me, afastar de mim a mentira e os vapores corruptores do mundo; e vós, Senhor meu Deus, conceide-me a graça de produzir algumas belas versões, assim de que eu possa provar a mim mesmo que não sou o último dos homens e que eu não sou inferior a estes que eu desprezo."

Palavras que enganam o tradutor de inglês

MISS
HULL

Incluímos na semana passada a publicação de um artigo, capítulo do livro "Aids to the Study of English", de autoria de Miss Hull, catedrática de Língua e Literatura Inglesa na Faculdade Nacional de Filosofia. O capítulo referido se intitula "Cat Chy Cognates or Deceptive Doubles" título que, segundo Miss Hull, foi usado por uma publicação americana em referência à correspondência de sentido de certas palavras entre o americano e o espanhol.

Antes de publicar a segunda parte do interessante estudo da ilustre educadora, devemos contudo corrigir duas falhas de revisão ocorridas na primeira série e referentes às palavras:

3 — **Advice** — Counsel. P. conselho, aviso, notificação. / E.

4 — **Notice**: in advise — To counsel. P. acusar, avisar, prevenir, advertir. / E. Inform, warn.

27 — **Constrained** — forçado, intimidade; contraria. / E. The same as above; embarrassed, abashed.

CAT CHY COGNATES OR DECEPTIVE DOUBLES
II

31 — **Convenience**: Suitability; material comfort. P. Comodidade, conveniência; Convenção, uso da sociedade. E. Seemliness, expediente propriety.

- 32 — **convenient**: Suitable; not troublesome. P. Conveniente.
- 33 — **Convinced**: Firmly persuaded. / P. Convicto. convencido: Cheio de si, vaidoso. / E. Conceited.
- 34 — **face**: cope with; Contend or grapple with. / P. Enfrentar, fazer face a. copiar: Tosquhar; aparar árvores. / E. Lop; prune.
- 35 — **Delicate**: Not robust in health. / P. Frágil. Delicado: Educado. / E. Refined, polite, well-bred.
- 36 — **Demoralise**: Corrupt, deprave. / P. Corromper. desmoralizar: Manchar a boa reputação. / E. Discredit.
- 37 — **Devise**: Invent. / P. Inventar, idear, arranjar.
- 38 — **Diction**: Phrasing, verbal style, choice or words. / P. Fraseado.
- 39 — **Disgrace**: Shame, ignominy. / P. Vergonha, desgraça; Desventura. / E. Misfortune.

- 40 — **Disgust**: Loathing. / P. Nojo. desgosto; Pesar, mágoa. / E. Orlef, sorrow.
- 41 — **Distinguished**: Famous, outstanding, renowned. / P. Celebre.
- distinto: Que tem distinção de porte; distinto, / E. Cultured, gentleman; differente.
- 42 — **Distracted**: Bewildered; crazy, mad. / P. Desorientado; desvairado, doido.
- distraindo: Desatento, descuidado. / E. Absent-minded.
- 43 — **doe**: Female of buck deer. / P. Corça.
- doe: 3^a Pessoa sing. do verbo doer. / E. It hurts.
- 44 — **drug**: Opiate; unsalable commodity. / P. Entorpecente.
- droga: Ingrediente farmacêutico; coisa impredável. / E. Medicine.
- second meaning above.
- 45 — **Editor**: Conductor of newspaper. / P. Redator.
- editor: Quem paga as despesas da publicação. / E. Publisher
- 46 — **Educated**: Intellectually trained. P. Instruído.
- educado: Criado; fino / E. Bred, generally well-bred; refined.
- 47 — **Education**: Intellectual training. / P. Instrução.
- educação: Instrução; Polides, cortesia, delicadeza. / E. Education.
- breeding.
- 48 — **Engine**: Locomotive, machine of any kind. / P. Locomotiva.
- engenho: Talento; Faculdade inventiva; estabelecimento agrícola destinado a cultura da cana e fabricação do açúcar. / E. Ingeniousness; sugar mill.
- 49 — **Evidence**: Testimony in Lawcourt, obvious indication. / P. Testemunha.
- evidencia: Certeza manifesta; condição de uma pessoa ou coisa que atrai a atenção. / E. Certitude.
- 50 — **Expedit**: (Adj.) Advantageous, pointe; (Noun) Temporary device. / E. Convenient, expediente: Subs.) Recurso; horas em que o público é atendido em repartições. / E.
- 50 A **Explore**: inquire into, investigate, examine. P. Pesquisar explorar: 1) roubar ardilosamente, abusar de; 2) procurar descobrir. E. 1) exploit; 2) as above.
- 51 — **Exquisite**: Consumately lovely. / P. Lindo, mimoso.
- exquisito: Excentrico; raro, precioso. / E. Quer, odd, strange; lovely.
- 52 — **Extemporize**: Improvise speech, accompaniment. / P. Improvisar.
- extemporizar: Fazer algo inoportunamente. E. To be inopportune.
- 53 — **Fatuous**: Silly, foolishly conceited, conceited. / P. Cheio de si.
- fatuo: Estúpido; inepto, bêco, nôcio. / E. Hollow, ignorant.
- 54 — **Figure**: Arithmetical symbol; bodily shape; / P. Algarismo; feito de corte; conservar a linha.
- Figura: Vulto; Imagem; aspecto; importância social. / E. Aspect; picture; appearance; notability.
- 55 — **fix**: Arange, settle. / P. Endireitar, combinar.
- fixar: Estabilizar; firmar; pregar; marcar; fixar; reter na memória. / E. Stabilize, state at; remember.
- 56 — **Fume**: To chafe, be irritated. / P. Exacerbar-se.
- fumar: Aspirar e expirar o fumo de cigarro, etc E. To smoke.
- 57 — **Gallant**: Brave; chivalrous; attentive to ladies. / P. Corajoso; cavalheiresco.
- galante: Gracioso, garbos; espíritooso, obsequioso. / E. Charming, with debonaire.
- 58 — **Galantry**: Courage, chivalrousness. / — P. Intrepidez, proeza.
- galanteria: Amabilidade; namoro. / E. Philandering, flirtation.
- 59 — **Genial**: Kindly; sociable. / P. Accessível; jovial.
- genial: Dotado de genio; que revela gênio ou grande talento. / E. Of. genius or great talent.
- 60 — **Genius**: Great creative capacity, highly endowed person. / P. Alto grau de capacidade.
- genio: Temperamento; talento; (fam.) irascibilidade. / E. Temper; talent; irritability.

Auto - Retrato

Na fonte, onde uma veia denuncia a visão concentrada,
pensamentos breves, desejos que se avolumam no correr das horas, gravam
uma certeza - e o misterio sempre renovado
da musica que nasce
De aliás, aliás onde se fundem os elementos de
discordia,
como o azul e o negro sobre os mares abertos.
sobre o horizonte - o pranto dos delírios do amor.

Sombras ainda sombrias solentes ao longo das
narrativas que frenem,
os latidos que se abrem avidos para os turvos
vulhos - da Terra -

para a memoria maldita dos tempos que
resposta.

de tantas saudades que se misturaram
nesta face humana
qualquer cosa que elle empresa um ar
alucinado.

com a sua força maior, de surpresa
distância,

Tentare arrepiar das trevas & angos ados
meados

L.uro Cardoso

UMA REEDIÇÃO DE SILVIO ROMERO

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA
SILVIO ROMERO

1^a EDIÇÃO
VOLUME PRIMEIRO

LIVRO I História da Literatura Brasileira

Cap.
I — Trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Espaço e nação deste livro.
II — Tempos da história do Brasil.

III — A literatura da minoria de Pernambuco e atração do povo brasileiro.

IV — O meio. Fisiologia do homem.

V — A nação brasileira como grupo etnográfico e seu litorâneo.

VI — Poetas que constituiram o povo brasileiro — O mestre.

VII — Tradições populares. Contos e Costumes. As raízes da cultura portuguesa no Brasil.

VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da Colônia, do Império e da República.

IX — Psicologia nacional. Prejuízos de educação. Imitação do estrangeiro.

LIVRO II

Primería época, ou período de formação (1500-1750)

I — Estado do país. Poetas e cronistas do século XVI.

II — Escola bávara. Cronistas, oradores e poetas do século XVII.

III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.

LIVRO III

Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1820)

I — Escola mineira: poesia épica.

II — Escola mineira: poesia cômico-satírica.

III — Escola mineira: poesia lírica.

IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica.

V — Belas Artes.

VI — Ciências naturais.

VII — Últimos Poetas clássicos.

VIII — Poetas de transição entre clássicos e românticos.

IX — Historiadores.

X — Economistas, Juriconsultos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

Conclusão.

VOLUME SEGUNDO

ÍNDICE

LIVRO IV

Terceira época, ou período de transformação romântica (1820-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase.

II — Poesia. Segunda fase do romantismo.

III — Terceira fase do romantismo.

IV — Outros poetas.

V — Outros poetas.

VI — Últimos poetas da escola romântica.

VII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

1883

2^a EDIÇÃO
TOMO PRIMEIRO

ÍNDICE

Ordeñoriz V
Frigueto na 2^a edição VII
Prologo na 1^a edição 12
Prologo da 2^a edição 17
Prologo da 1^a edição 19

LIVRO I Fatores da Literatura Brasileira

Cap. I — Trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Espaço e nação deste livro.

III — Teorias da história do Brasil.

15 IV — Teorias da História de Brasil e o atazado do povo brasileiro.

22 V — O meio. Fisiologia do homem.

51 VI — A nação brasileira como grupo etnográfico e seu litorâneo.

63 VII — Poetas que constituíram o povo brasileiro. O mestre.

71 VIII — Tradições populares. Contos e contos anônimos. Alterações da língua portuguesa no Brasil.

93 IX — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da Colônia, do Império e da República.

113 X — Psicologia nacional. Prejuízos de educação. Imitação do estrangeiro.

123 LIVRO II Primeira época, ou período de formação (1500-1750)

141 I — Estado do país. Poetas e cronistas do século XVI.

163 II — Escola bávara. Cronistas, oradores e poetas do século XVII.

187 III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.

LIVRO III Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1820)

141 I — Escola mineira: poesia épica.

211 II — Escola mineira: poesia cômico-satírica.

239 III — Escola mineira: poesia lírica.

259 IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica.

313 V — Belas Artes.

367 VI — Ciências naturais.

375 VII — Históriadores.

417 VIII — Teólogos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

435 IX — Historiadores.

535 X — Economistas, Juriconsultos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

605 XI — Conclusão.

583 LIVRO SEGURO

ÍNDICE

LIVRO IV

Terceira época, ou período de transformação romântica (1820-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase.

II — Poesia. Segunda fase do romantismo.

III — Terceira fase do romantismo.

IV — Quarta fase do romantismo.

V — Quinta fase do romantismo.

VI — Sexta fase do romantismo.

VII — Sétima e última fase do romantismo.

VIII — Ainda sexta e sétima fase do romantismo.

História da Literatura Brasileira

TOMO PRIMEIRO

ÍNDICE

Ordeñoriz V
Frigueto na 2^a edição VII
Prologo na 1^a edição 12
Prologo da 2^a edição 17
Prologo da 1^a edição 19

LIVRO I Fatores da Literatura Brasileira

Cap. I — Fatores estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Desenvolvimento do povo brasileiro.

3 II — Teorias da História do Brasil.

15 III — Teorias da História de Brasil e o atazado do povo brasileiro.

22 IV — O meio. Fisiologia do homem.

51 V — A nação brasileira como grupo etnográfico e seu litorâneo.

63 VI — Poetas que constituíram o povo brasileiro. O mestre.

71 VII — Tradições populares. Contos e contos anônimos. Alterações da língua portuguesa no Brasil.

93 VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da Colônia, do Império e da República.

113 IX — Psicologia nacional. Prejuízos de educação. Imitação do estrangeiro.

123 LIVRO II Primeira época, ou período de formação (1500-1750)

141 I — Estado do país. Poetas e cronistas do século XVI.

163 II — Escola bávara. Cronistas, oradores e poetas do século XVII.

187 III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.

LIVRO III Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1820)

141 I — Escola mineira: poesia épica.

211 II — Escola mineira: poesia cômico-satírica.

239 III — Escola mineira: poesia lírica.

259 IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica.

313 V — Belas Artes.

367 VI — Ciências naturais.

375 VII — Históriadores.

417 VIII — Teólogos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

435 IX — Historiadores.

535 X — Economistas, Juriconsultos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

605 XI — Conclusão.

583 LIVRO SEGURO

ÍNDICE

LIVRO IV

Terceira época, ou período de transformação romântica (1820-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase.

II — Poesia. Segunda fase do romantismo.

III — Terceira fase do romantismo.

IV — Quarta fase do romantismo.

V — Quinta fase do romantismo.

VI — Sexta fase do romantismo.

VII — Sétima e última fase do romantismo.

VIII — Ainda sexta e sétima fase do romantismo.

VII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

VIII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

VII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

3^a EDIÇÃO

ÍNDICE

Ordeñoriz V
Frigueto na 2^a edição VII
Prologo na 1^a edição 12
Prologo da 2^a edição 17
Prologo da 1^a edição 19

LIVRO I Fatores da Literatura Brasileira

Cap. I — Fatores estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Desenvolvimento do povo brasileiro.

3 II — Teorias da História do Brasil.

15 III — Teorias da História de Brasil e o atazado do povo brasileiro.

22 IV — O meio. Fisiologia do homem.

51 V — A nação brasileira como grupo etnográfico e seu litorâneo.

63 VI — Poetas que constituíram o povo brasileiro. O mestre.

71 VII — Tradições populares. Contos e contos anônimos. Alterações da língua portuguesa no Brasil.

93 VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da Colônia, do Império e da República.

113 IX — Psicologia nacional. Prejuízos de educação. Imitação do estrangeiro.

123 LIVRO II Primeira época, ou período de formação (1500-1750)

141 I — Estado do país. Poetas e cronistas do século XVI.

163 II — Escola bávara. Cronistas, oradores e poetas do século XVII.

187 III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.

LIVRO III Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1820)

141 I — Escola mineira: poesia épica.

211 II — Escola mineira: poesia cômico-satírica.

239 III — Escola mineira: poesia lírica.

259 IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica.

313 V — Belas Artes.

367 VI — Ciências naturais.

375 VII — Históriadores.

417 VIII — Teólogos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

435 IX — Historiadores.

535 X — Economistas, Juriconsultos, Publicistas, Oradores, Línguistas, Moralistas, Biógrafos, Teólogos e Literatos.

605 XI — Conclusão.

583 LIVRO SEGURO

ÍNDICE

LIVRO IV

Terceira época, ou período de transformação romântica (1820-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase.

II — Poesia. Segunda fase do romantismo.

III — Terceira fase do romantismo.

IV — Quarta fase do romantismo.

V — Quinta fase do romantismo.

VI — Sexta fase do romantismo.

VII — Sétima e última fase do romantismo.

VIII — Ainda sexta e sétima fase do romantismo.

VII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

VIII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

VII — Ainda últimos poetas da escola romântica.

V

Velha arvore -- *Mercedes Silveira*

Estou na velha arvore, despiada, num frio...
e de cada vez:
Cesas desejando os sonhos
E o abraço das rendas tristes das cortinas das noites
E os olhos olhantes das estrelas
Iluminam os poetas azuis.
As aguas tremulam docemente
Voluptuosamente
Ans beijos languidos do luar
Nada les perturba o enlevo e a embriaguez
A marinha encosta,
Os meneiros sonharam.
Nem os solitários dos que sofreu
Nem as cárulas dos amantes
Nem a fantasia dos poetas.
Excentram... e mantêm tão baixa
que se evitem surpresas de secretas
E cítricas de magos.
Tudo oculta os segredos da terra
Nem escondido bairado...
E tu, velha arvore sombria,
Peras secas, mudas, frias...
bela na tua nudez eloquente...
Unas a uma relâmpago as folhas murchas e amarelo-rosas
E os galhos perderam a cor primitiva.
Que espertas matas?
Porque ergues os braços cansados
abrandando dildas divinas?
Jugos que a primavera fará ressurgir a vida e a selva
das tuas calhas tristes?
E acreditas na resurreição?
Não sentes o convite a latejar
tão fraco e opiniado
como a dor da indiferença
ou do desprazer?
Velas arvore, espelho do Passado!
Esquece os dias de sol
ou as lágrimas ardentes das chuvas de verão.
Esquece o orvalho da madrugada que encadou brilhantes
particípios nas esmeraldas de suas folhas!
E o reflexo da alma humana cujas ilusões feneçeram
e as esperanças murcharam,
uma a uma...
E como certas apreendades cujas rosas despedalaram
precoceamente sob a neve prematura da morte
das divinidades.
e que nem a riso da infância,
Nem o ouro da Vida,
As mentiras do mundo
ou os cantares da Ame.
Jamais desportivo

1944 - Janeiro. — Lagoa Perdida de Freitas.

INFINITAMENTE AUSENTES...

Menino é homen, sempre sonhei que era eterno,
e cada noite, e cada dia, indormei e acordei
com a incerteza ventura de existir.
De repente, aquele incerto sorriso de alegria
com que amava a vida marchou nos teus labios timidos.
e agora este vazio, este peso gelado de pedra no meu coração,
não mais a mansidão do teu gesto,
não mais a humildade das tuas pausas,
nem o pudor da tua voz, que nunca se elevou
num grito — de dor, de contentamento ou de dor,
nem o morredio olhar de resignação,
nem os vestígios últimos da minha infância
fechados na tua mão.
Estou triste sem fim, mas tenho a lucidez de uma noite de insônia:
(O canto dos galos — aqui, ali, alem acolá —
torna mais longinquas todas as distâncias
e aumenta o longo pensar da lida madrugada.)
estas infinitamente ausentes,
e sei onde estas e como estas,
e sei que tudo continua igual na mesma terra, sob o mesmo céu.
(Quicase Deus cristalizado o sol das lágrimas,
engrandecendo o coração
para eu cumprir fielmente a sua dor
sem ter e sem rogar consolação...)
Graca inóvel de tuas mãos serenas.
Quietude das paixões sobre os olhos apagados.
Serenidade do suspiro da vida no seu fim
Tinha um pulsado calor sem esperança
trou bravo triste, quando o loquii cegamente,
E ainda nos restos das lembranças de seu fantasma pensativo
que é preceas de bruxos, pesadamente, recomendar a viver

A B G A R R E N A U L T

QUARENTA ANOS -- *Lucindo Monteiro*

Além da alegria a penela. As trepidações infantis da juventude
deixaram-nos que tu — casas de sol, que
brincaram a terra.

No jardim brinca uma voz infantil:
— Bon dia, mamãe! Boa muito feito
e me leva ao jardim!

Dona voz de homem também se
faz ouvir:

Muito pacientemente, dona Alcina...
Vanjo acaba de me dizer
que hoje é o dia da sua aniversária
dezoito.

Alcina agradece, meio risinhos,
meio contrariado, os cumprimentos de sobrinha e os nupciados.

Mario e Vanjo afastaram-se,
dentro das plantas, iam segredando coisas doces e vagas, um aos
ouvidos do outro.

Era novo Vanjo teria 18
anos. Mario poucos mais.

Alcina quisou ali a oitava
para o seu aniversário. E fluiu
de pertencimento — casas distantes
umas algures, outras tristes —
vieram-lhe soltos a caliceia...

— Quarenta anos, Alcina! Quarenta anos!... Agora, nem podia
dizer que não tinha mais jeito
estudar imediatamente isto...

Sompe tivera horor de ficar
para trás... Era cada vez
brincavam com ela sobre isso. Mas
Alcina não ligava... Não arreditava...

— Pôs, então, eu — tão bonita
tão corujada — vou la ficar
para trás!

As manas mal velhas — quer
dizem todas três, porque era a
caçula — viviam capazando. Des-
de que a viram passar dos vinte e
cinco não deixaram mais em paz:
— Estou, hein! Alcina! — Ja
levava o primeiro tiro da raposa...
Ela ria... Mas foi ficando sozinha
no mesmo... Parece que as irmãs
deseram-a...

E entreteve ela foi amada...
seleste... por que não
que teve paixão por ela.

Foi lá que Valério a conduceu
Olhava de longe, a princípio, mu-
to timido, sem auder se dava
aproximar-se... Um dia ela sor-
riu para ele... Ele veio... Po-
deu brincar com as garotas... Tive
coragem de falar com a moça...

Depois toda a manhã, na encen-
tralha-la no prado. Parecia que a
amava tanto... Ela ria, e parece-
que teve paixão por ela.

NOTAS

— Ao tratarmos da obra de Capistrano de Abreu, em nosso número anterior, deixamos de estudar a um trabalho de principal importância no assunto — a *Bibliografia de Capistrano de Abreu*, por J. A. Pinto do Carmo. Este trabalho, que revela muita pesquisa e muito amor, foi editado, no ano passado, pelo Instituto Nacional do Livro, e manda a verdade dizer que dele extraímos alguns dos documentos iconográficos que tivemos ocasião de apresentar, referentes ao grande historiador.

— Em uma das páginas do nosso suplemento de hoje, publicamos mais uma tradução de Dante — esta agora devida a pena de Eduardo Guimarães, o saudoso e brillante poeta. No volume quinto incluiremos a publicação da nossa "danteana", e a elas voltaremos em números futuros, ilustrando-a com as melhores traduções brasileiras e com os mais belos documentos iconográficos que existam sobre o grande épico italiano.

— O Suplemento em que hoje estudamos Eduardo Prado representa o segundo fascículo dedicado a este escritor. O primeiro saiu em 31 de agosto de 1911 — e foi o terceiro número dado por AUTORES E LIVROS. Aqui, fascículo rego-
tou-se de maneira completa, atingindo a altos preços.

Futuramente, o nosso intuito é seguir programa semelhante com referência aos demais fascículos de nossa publicação que se encontram nas mesmas edições do terceiro fascículo do primeiro volume — quer di-
segitados e prossiguidos, atingindo a altos preços.

havendo hoje altíssimas ofertas pelas suas exemplares, impossibilidade de reprodução integralmente, fixamos a edição do seu material que, em relação a Eduardo Prado, mais poderia interessar aos leitores, acrescentando novas e excepcionais contribuições, organizadas o número de hoje.

— Futuramente, o nosso intuito é seguir programa semelhante com referência aos demais fascículos de nossa publicação que se encontram nas mesmas edições do terceiro fascículo do primeiro volume — quer di-
segitados e prossiguidos, atingindo a altos preços.

havendo hoje altíssimas ofertas pelas suas exemplares, impossibilidade de reprodução integralmente, fixamos a edição do seu material que, em relação a Eduardo Prado, mais poderia interessar aos leitores, acrescentando novas e excepcionais contribuições, organizadas o número de hoje.

— Futuramente, o nosso intuito é seguir programa semelhante com referência aos demais fascículos de nossa publicação que se encontram nas mesmas edições do terceiro fascículo do primeiro volume — quer di-
segitados e prossiguidos, atingindo a altos preços.

havendo hoje altíssimas ofertas pelas suas exemplares, impossibilidade de reprodução integralmente, fixamos a edição do seu material que, em relação a Eduardo Prado, mais poderia interessar aos leitores, acrescentando novas e excepcionais contribuições, organizadas o número de hoje.

Como um presente - Carlos Drummond de Andrade

Tes universo, no escuro,
vou te amar.

Era vez de levar-te esta gravata,
Da tua linda roupa nem preciso.

Nunca faltaria na espaço há o jantar,
mas o teu jantar é silêncio, tua fome não come.

Não mais te peço a mão engomada
para beijar-te as velas grossas.
Nem preciso nos outros estrados
aquele inquieto que está chegando?

Em verdade, paraste de fazer anos,
Mas envelheces. O último retrato
este para sempre. E' um homem cansado
mas um homem que carrega de identidade.

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,
o desenho deste chão. Mas sempre amaste
o duro, o rebento, a falso. O frio sente-se
em mim, que te visto. Em ti, a calma.
Como compraste a calma? Não a tinhas.
Como resististe a noite? Matrugavas.
Tua cariça corta o ar, guarda uma espora
de tua hora, um grito de teus labios,
sinto em mim, tua roupa cheia, tua face,
tua presa, tua estrondo... encadeados.

Mas tua segredos não descubro,
Ele não está nos papéis
do correio. Nem nas casas que habitaste,
Na casa azul.
Vou a porta de quartos sem chave, ouço teu
passo
noturno, tua pipoca, e sinto os bois
e tuas tropas que levavas pela Mata,
e onto as eleções (teu desprazo) e onto a
(Câmara),
e passo na escada que sobem,
e soldados que adormecem, permanecem,
e sempre que te vii talvez matar,
nos que não sujam,
Vou, no Rio, soma canoa,
não três homens.

Inda que mor pugnare, o coronel sabe nadar?
Por que essa canoa, lourada Deus, pode virar,
e a criada nunca mais que o senhor há de
encontrar?"

Tua mala saiu do bolso uma cosa. Tua voz
vai a frente,
"Gloria, me desculpa, não se podia cavar?"
Vou te mais longe. Ficaste pequeno.
Impressionado reencontro teu rosto, mas sei que
les tu.
Vim da noite, das memórias, dos bons atua-
lhados,
da mocidade, da exuberância, da tirania fa-
miliar,
Es bem triste a escola te engole.
Ela parte de ti fazes um formidável ran-
cho, um dotor confuso.

Para compor: bolas na mão!

Quem disse?
Entraste pela porta, saíste pela janela,
— convivei, seu mestre? — quem quiser que
conte outra,
mas tu ganhavas o mundo e nele aprenderas
luta suscita gramática,
a mão do mundo pegaria de tua mão e dese-
nharia tua firme letra,
o livro do mundo te entraria pelos olhos e te
l'imprimira sua completa e clara ciencia
mas não descobri seu segredo.

E' talvez um erro amarmos assim os parentes.
A identidade do sangue age como radeta,
fora melhos rompe-la. Procurar meus paren-
tes na Asia,
onde o pão seja outro, e não haja bens de Ju-
milia a preservar.
Por que ficar neste município, neste sobre-
lame?

Taras, doenças, dividas: mal se respira no so-
lido.
Quisera abrir um buraco, varar um túnel,
largar minha terra,
passando por baixo de seus problemas e la-
louras, da eterna agência do correio,..
e inaugurar novos antepassados em uma no-
iva cidade.
Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te,
mas curioso:
ja não estás, e te sinto,
não me faltas, mas te converso.
E tanto nos entendemos, no escuro,
no po, no sono.

E pergundo meu segredo.
Não responde. Não o tinhas?
Realmente não o tinhas, me enganavas?
Então aquela maravilhosa poder de abrir gar-
rafas nem sacarolho,
de desatar nós, atravesar rios a cavalo, assis-
tar, sem chorar, morte de filho,
expulsar ameaças apenas com teu posso
Idoso, o gado que sumiu e voltava, embora a poste
o domínio total sobre tristes, tuis primos, es-
maradas cutucos, fiscas do governo,
lhecos, padres, médicos, mendigos, lou-
cos, mancas, loucos agitados, animais,
então não era segredo)

E tu, que me dizes tudo,
disso não me contas nada,
Perdida a longa conversa.
Palavras tão poucas, autêstas
E' certo que intimidavas.

Guardavas talvez o amor
em tripla cerca de espinhos
Já não precisas guardá-lo.
No escuro em que fizca anos,
é permitido sorrir.

7-12-43.

As exposições no Museu Nacional de Belas Artes -- Baul de São Vitor

O nosso mundo artístico movimenta-se e as exposições sucedem, ininterruptas o que nos permite aguardar para breve a resolução do governo no sentido de dar aos artistas brasileiros os meios de que carecem para as suas realizações de arte.

A direção do Museu Nacional de Belas Artes merece todos os aplausos pela decisão que tomou de manter o público cívico, em constante contacto com a arte nacional, por meio de exposições que abrangem todas as épocas e todos os gêneros de pintura.

Só temos a lastimar, porém, que a estas exposições não compareça maior número de pinturas modernas, cujos nomes emprestariam prestígio e movimento à iniciativa, além de contribuir com a apresentação dos seus trabalhos para a divulgação das novas conquistas artísticas entre nós.

Parece-nos que este abandamento em que se mantém os maneirinhos empregados pelos organizadores das exposições para a seleção de valores. "Convidam" efetivamente número de artistas para comparecerem com seus trabalhos numa exposição de caráter geral. Os que não merecem esta atenção ressentem-se e atribuem a arbitriação escolhida de alguns poucos dentre deles a necessidade, por parte das acadêmicas, de encobrir uma manifestação para com os que se batem por novos ideais artísticos. Esta irritação aumenta e se transforma em desdém e ironia quando esbarram com telas que não deveriam figurar nas exposições do Museu de Belas Artes por um simples sentimento de respeito público.

Estas constantes injustiças por parte dos que estão investidos de autoridade para tratar dos assuntos de arte acarretam um prejuízo para o progresso e educação do povo brasileiro, uma vez que, medianamente os artistas se retraram e se voltam somente para os seus trabalhos. Na verdade perdem mais os meios artísticos, o povo, a arte nacional, com o isolamento em que vivem artistas de um infindo talento, daquele verdadeiramente eles próprios.

O diretor de AUTORES E LIVROS recebeu a seguinte carta: São Paulo, 30 de dezembro de 1943.

Exmo. Sr. Dr. Mário Leão, — Redacção de "A Manha", — Rua Evaristo da Veiga, 16, — Rio de Janeiro.

Re: Vol. V, N° 19, Ano III de AUTORES E LIVROS

Amg." e Sr.:

Bom foi V. S. não terminar o presente ano com uma polêmica, como primeiro pensou, porque, se o fizera, não tivera papel neste tempo de crise para acolher a colaboração das contribuintes.

O signatário é membro da Shakespeariana e Browniana com sede em Londres, motivo porque aprecia tudo quanto se publique a respeito dos grandes escritores. O encargo financeiro com a matrícula e manutenção do título foi e é bem respeitável, mas o que deu mais trabalho foram as leçons acadêmicas, as quais, alias, mereceram "cum laude", concedida a tolerância que dispensam aos concorrentes chamados "from abroad".

Do confronto das traduções em "Autores e Livros" com o original achou muitas trapaças, todas perdoáveis quando em verso, tarefa bem árdua e que só os talentosos podem realizar.

Grato pela atenção, subscritor-me com sincera estima Amg." Atº e Adm. — E. W. Kerr. — Rua Airosa Galvão, 22, São Paulo (Capital).

A PROPOSITO DE SHAKESPEARE

Por exemplo, em "De Plutarco a Shakespeare", por D. Miliano pg. 297, perfeito plágio de Plutarco na sua Vida de Antônio, temos:

The barge she sat in, like a barnard' throne Built on the water...

A barca em que ela viajava, costada resplandecia, igual a um trono, águas impenetrando...

vendo-se que o sujeito passava a vida para a passiva. Como é como disse mistre Horace, poetas e pintores tudo é belo.

A parte bibliográfica mencionou a tradução de O. L. pelo rei D. Luis, limitando-se a referir Hamlet. Foi pena, quanto perdeu também a oportunidade de lembrar uma das mais formosas joias de Caxias a saber, a crítica que ele fez dessa tradução levada a cabo por um monarca.

O trecho de Miliano não está na Cena III de Ato II, mas na Cena II do me do Atº, linha 196 a 209.

Grato pela atenção, subscritor-me com sincera estima Amg." Atº e Adm. — E. W. Kerr. — Rua Airosa Galvão, 22, São Paulo (Capital).

Gloria Esquecida -- Artur Caetano

Nem sempre o homem de gê-
nero é o contemporâneo do tu-
tu, como Almirante Letour-
neau...

Há quatro décadas, na mis-
trada resguardada, falecia a sa-
iba Apolinário Porto Alegre,
incenso na virtude como no ge-
nuo.

O silêncio feito em torno do
seu nome foi profundo como a
treva, solidão da consciência.

E, no entanto, nenhuma respon-
sável o viu, que primeiros
encontraram a teoria das formula-
ções dos filhos nos farroupi-
llhos, que deixou os suiderâ-
neus da História, para denuncia-
r-lhe o seu verdadeiro dos novos
valores proclamados, que transfor-
maram os filhos de mestre de hu-
manidade em preceitos funda-
mentais de cultura...

Quando a pacificação nego-
ciada pelo duque de Caxias, em
1845, modificou os últimos ro-
tos da Rio Grande, parecen-
do incluir na propria extinção

o e o despojamento, que impece-
ria a nova resistência, de determi-
nadas caudilheiros, fizer-se necess-
ária a ação de um dou-
trinador.

E o velho Apolinário, que se
dizia "lido", por vezes de sua-
gue e de ideias, dos revolu-
cionários de 35, mudou a sua bi-
ologia e no mês vira, onde ideal republicano.

Bento Gonçalves, Neto e Cu-



Apolinário Porto Alegre

ponente Casa Branca, residen-
cia lendária do Herói.

Naquele retorno, ele recon-
trou a existência épica do Rio
Grande, e cantou, em versos
impecáveis, "as vestes savanas
nataicias".

Não houve então quem se en-
saiasse nas letras com o arrimo
do Mecenas.

No tempo em que Gambel-

ta ia para o Quartier Latin pre-
sidiu os comícios da mocidade,

pas, ele reunia, nas bancos das
suas aulas, a nova estirpe de-
mocrática, que tanto lustre deu
ao Parlamento, ao jornalismo e
à tribuna forense.

O golpe de 15 de Novembro
encontrou-o inabiliável nas suas
convicções, a ele, o mais antigo
republicano do Rio Grande.

Dando-se, em seguida, a bifurcação da rota palmeirada
pelos pregoiros da Ideia Nova,
Apolinário, coerente e deslustrado,
mas com alta lealdade, to-
mou a longa vereda do So-
frimento.

Contra antigos discípulos, te-
ve que sustentar a luta pela ver-
dade dos princípios que pre-
parara, embora deixando, como ele
mesmo disse, "fragmentos de
reputação nas garras da cul-
pina".

Quando a civilização riogrande-
nense ardia na chama revolu-
cionária de 1893, arrastaram-no
ao cárcere por delito de im-
prensa.

Da ser preso, Apolinário ex-
clamou, fitando a soldadesca
que o conduzia: "Em caminho
para a masmorra, vou me lem-
brando de Sócrates, que, como
eu, educou a juventude nos pre-
ciosos da religião e no culto da
Liberdade".

Para ele a política foi, como
para nenhum outro, a Rocha
Torpeza de quantos erram o
caminho do Capitólio.